O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 2 DE JANEIRO DE 1910 | N° 1:341

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos & Criticas

Agitam-se as quadrilhas. E d'essa agitação mais uma vez resulta a prova de que para ellas não ha interesse d'idéa, não ha interesse de patria, não ha nenhum interesse nobre ou elevado.

Agitam-se as quadrilhas. E d'essa agitação mais uma vez resulta a prova de que em Portugal não ha monarchicos nem republicanos. Ha só bandidos.

Varios republicos, *que se suppõem reliquias*, andam estomagados porque não *fazemos excepções*. Porque dizemos que no partido republicano *todos são canalhas, todos são bandidos*.

Mas é a verdade, *cavalheiros!* A verdade, que anda sempre ao de cima d'agua como o azeite. Não se afunda. A verdade é brilhante como diamante. Por mais que tentem conspurca-la ou offusca-la ella resulta pura e nitida.

Mas é a verdade, *cavalheiros*. Todos canalhas! Todos bandidos! *Todos!*

Mas é a verdade, *cavalheiros*, e as vossas indignações postiças, e os vossos pruridos de honestidade só nos fazem rir. A nós e a toda a gente que ainda tem o juizo no seu logar e que ainda tem algum caracter n'esta terra.

Vós quereis convencer o mundo de que só é ladrão o que vae á vinha. De que só é ladrão o que mette as mãos nas algibeiras do transeunte descuidado. De que só é ladrão quem salta na estrada á frente de quem passa a gritar: *ou bolsa ou vida*. E de que, assim, só é ladrão o Affonso Costa, só é ladrão e pulha o Cunha e Costa, só é ladrão e bebedo e devasso o Alexandre Braga, só é *souteneur* e reles e besta o França Borges, só é escroc, grilheta, *apache* o Padua Correia, o Arthur Leitão e tantos Paduas e *Arthures* de que está cheia a quadrilha a que vos *honraes de pertencer*.

A verdade, isto é, a razão, o raciocinio, o mais elementar raciocinio, a logica, riem-se da vossa pretenção de honestidade. O senso commum ri-se da vossa idiotia. Quer dizer, vós já não sois, sómente, *canalhas*. Vós já não sois, sómente, *bandidos*. Vós sois acima de tudo idiotas, como tantas vezes o temos dicto.

Tão ladrão é o que fica ao portal como aquelle que vae á vinha. Mas o que fica ao portal é mais tartufo, mais charlatão, mais covarde, portanto mais vil do que o collega que vae á vinha.

Mais vil, *reliquias*. Vós sois mais ladrões, mesmo sem metter as mãos nas algibeiras de quem passa, mesmo sem saltar á estrada a gritar ou *bolsa ou vida*, mesmo sem fugir com o dinheiro que os incautos vos entregam para qualquer destino, vós sois mais ladrões que o Affonso Costa, que o Cunha e Costa, que o Arthur Leitão ou que o Padua Correia.

Vós, que não tendes um protesto de razão, um impeto de caracter contra tanta infamia, contra tanta podridão e tanta mentira. Todos *canalhas!* Todos *bandidos!* Fóra com a idiota pretenção de honestidade, ó reliquias! Havemos de vos amarrar a esse poste d'ignominia que se chama o partido republicano portuguez! Havemos de vos marcar ahi com o ferro candente da justiça! Ou antes, nós, não. A verdade, traduzida na mais simples logica, no mais elementar raciocinio.

Em Portugal não ha, nos chamados partidos politicos, nem republicanos nem monarchicos. Em Portugal ha só bandidos.

Todos os actos do partido republicano o demonstram, relativamente áquelles que, por irrisão, se dizem republicanos. E todos os actos dos partidos monarchicos, mas sobretudo o regicidio, o demonstram, relativamente áquelles que, tambem ainda por irrisão, se dizem monarchistas.

Ainda hoje vae n'outro logar d'este periodico uma communicação interessante sobre a attitude do *Diario Popular* na questão do regicidio. A historieta do *Mortagua* é interessantissima.

Como sempre dissemos, D. Carlos tinha defeitos. Mas, como tambem sempre dissémos, dissémo-lo logo sobre a morte do rei, no artigo *Justiça*, quando todo o mundo tremia n'esta terra com medo dos bandidos, se D. Carlos tinha defeitos tambem tinha virtudes que nenhum dos miseraveis que o combatiam possuia. Se D. Carlos tinha commettido crimes, maiores crimes tinham commettido aquelles que, como seus ministros e conselheiros, não só se não haviam opposto, como era seu dever, ás suas tendencias auctoritarias e egoistas, como as haviam lisonjeado, incitado, impellido. Os miseraveis que accusavam D. Carlos de governo pessoal, de calcar a constituição, de fazer *à outrance dictadura*, eram precisamente aquelles que haviam prégado a theoria do *engrandecimento do poder real*. Eram precisamente aquelles que tinham feito a apologia do *governo pessoal*. Eram precisamente aquelles que tinham pedido ao rei dissoluções, adiamentos, todos os attentados contra os principios liberaes e a base fundamental da constituição. Eram precisamente aquelles que tinham sempre e brutalmente aconselhado o rei a dar *sem dó nem piedade* nos republicanos. Eram precisamente aquelles que tinham vivido dos *adeantamentos*, que tinham *comido* e *roubado* muito mais do que o rei.

Que auctoridade tinham, para atacar D. Carlos, esses bandidos?

Como foi que esta terra se não revoltou, como é que esta terra se não revolta, n'um impeto de caracter, contra os miseraveis que, não contentes de matar D. Carlos, ainda tripudiaram e tripudiam sobre o cadaver do infeliz?

Como é que esta terra os ouve, e vê, erguer-se a berrar quando apparece a noticia de que vae ter seguimento o processo do regicidio e não os corre a tiro immediatamente?

O sr. José d'Azevedo a falar em Mortagua, a contar a historia de Mortagua, ou a consentir que se contasse no seu jornal a historieta, é d'aquellas coisas que, para não fazerem chorar, quando ficam impunes,... fazem rir.

João Arroyo, José d'Azevedo, Centeno, Alpoim, Ressano Garcia, Affonso Costa, Cunha e Costa, e tantos outros, a chamarem a D. Carlos o rei ... dos *adeantamentos!* Isto é, ladrão! Isto é, bandido! E arvorados assim em representantes da honra nacional, em zeladores da moralidade publica! Para não fazer chorar... faz rir.

Em Portugal não ha monarchicos, nem republicanos. Em Portugal ha bandidos. Demonstra-se a todos os instantes. Prova-se em tudo, por tudo e em tudo.

Por isso mesmo não é de liberdade nem de republica que precisamos. E' de justiça. Justiça que não pode ser feita pelos partidarios monarchicos nem pelos partidarios republicanos, porque não pode ser feita por bandidos. Essa tem sido a grande burla! Essa tem sido a grande *comedela* feita ao paiz! Essa tem sido a grande ingenuidade d'este povo de bacocos, que parece ter o cerebro cheio de sabugo! Os bandidos a prometterem moralidade e justiça e o paiz a esperar de bandidos ... moralidade e justiça!

Que grande ingenuidade! Que grande burla!

Em Portugal não ha monarchicos nem republicanos. Em Portugal ha bandidos. Por isso mesmo a grande obra, a obra que prefere a todas, a obra urgente, a obra inadiavel, a obra humana e nacional por excellencia, é repellir, é vencer, é anniquilar o banditismo. Onde quer que elle appareça e seja qual for o aspecto que tome á nossa vista.

Por isso mesmo o que importa, antes de tudo, é reformar, é melhorar, é temperar o caracter portuguez.

Assim o comprehendeu o actor d'estas linhas e não ha duvida nenhuma, — para nós, é claro — que o comprehendeu lucidamente. Lucidamente! Tudo o mais é confundir idéas e pensamentos, é baralhar processos, é marcar o passo, é perder tempo.

Anniquilar o banditismo, esmagar os representantes consagrados do banditismo, bater, completamente, a moral do banditismo, tal é a grande obra a executar n'este paiz. Obra nacional e obra humanitaria ao mesmo tempo.

Obra dos homens intelligentes e honestos, que, sommadas as actividades e as acções de cada um, dará, no fim, um resultado esplendido. Mas obra individual, feita por accordo tacito e não expresso, fóra da moral e dos processos dos partidos. Por isso mesmo obra do padre, do livre pensador, do radical, do conservador, do monarchico, do republicano. Querer submette-la á moral e aos processos dos partidos, e de qualquer dos partidos, é mata-la, é torna-la impossivel.

Vale mais um padre honesto, cem vezes, como factor d'educação no campo reaccionario, que o Arthur Leitão, o Padua Correia, o Trinta, o Cunha e Costa, o Affonso Costa e quejandos no campo ... *da salvadora democracia*.

A grande monstruosidade d'esta terra é querer pôr a par da Inglaterra e da Allemanha um povo que não tem espirito de ordem, que não tem espirito de methodo, que não tem moralidade, que não tem trabalho, que não tem cultura. E' como que calçar botas e pôr luvas a um burro. E' uma obra contraprodocente, impossivel, irrisoria, ridicula.

A base essencial da vida humana é a moral e a intelligencia. Um homem como um povo afunda-se quando não tem moral, ou caracter, e quando não tem intelligencia. Primeiro formar o caracter, primeiro crear a intelligencia, e depois as formulas religiosas ou politicos. Gritar contra o padre, contra o militar, contra o capitalista, sem ter creado as bases da moral *emancipadora*, não é emancipar, é destruir. Não é levar á liberdade e á luz. E' levar ao cahos, á escuridão, ao labyrintho, á mais formidavel anarchia. E só aproveita com a escuridão, com a desordem, com o cahos ... o bandido.

O politico portuguez lembra o miseravel que grita n'um theatro, n'uma egreja, n'um grande ajuntamento: — *fogo*, para poder, na confusão que se seguir, roubar impunemente. Ora não ha ordem, nem tranquillidade, nem, por conseguinte, progresso algum, sem se começar por enforcar esses bandidos.

Nós vemos, nas coisas mais infimas da vida, a formidavel incompetencia e incapacidade do povo portuguez. Vemo-lo no cavador d'enxada, vemo-lo no creado de servir, no operario, no funccionario publico, no jornalista, no escriptor em geral, no chamado homem publico, no deputado, no ministro. Uma formidavel incompetencia, uma espantosa incapacidade, ainda nas coisas minimas. Como ha de avançar um povo d'estes?

E' impossivel.

Formem-lhe o caracter, primeiro. Formem-lhe a intelligencia, em seguida. E não se lhe forma o caracter nem a intelligencia a declarar guerra ao padre, ou ao militar, ou ao capitalista. Pelo contrario, é a correr a chicote todos os especuladores, todos os tartufos, todos os bandidos.

Que é a obra capital, a grande obra a realisar na patria portugueza.

Expediente

Todos os nossos agentes de venda ficam prevenidos de que as liquidações se fazem, d'aqui por deante, todos os mezes, *e até ao dia 5 de cada mez. Os que a não fizerem até esse dia, soffrem interrupção na remessa do jornal, sem que isso represente a menor falta de consideração da nossa parte, mas apenas a necessidade imperiosa de regularisar a escripturação d'este jornal.*

Alguns assignantes das aldeias queixam-se-nos de que lhes suspendemos a remessa do jornal ao ser-nos devolvido o recibo com a nota "avisado não veio pagar", sendo certo, allegam, que moram ás vezes muito longe da séde do correio, não podendo responder ao aviso com a brevidade desejada. Mas n'esse caso queiram fazer o favor de mandar um bilhete postal a prevenir de que "pagarão logo que possam", de outra forma não poderão deixar de soffrer interrupção na remessa do jornal.

Comprehendem que se não fizermos isso andaremos eternamente n'um circulo vicioso. Vae o recibo uma vez, vae outra, vem sempre com a nota " avisado não veio pagar " porque os assignantes, morando longe, não teem meio de pagar com a brevidade que exige o regulamento do correio, e ahi ficamos nós sempre a mandar o jornal, sempre a mandar o recibo, — e cada remessa de recibo custa 10 réis — e elles sempre ... sem pagar.

Não pode ser. Recibo devolvido importa, a não vir qualquer explicação no proprio recibo ou em bilhete postal, jornal suspenso. E' um principio de boa administração a que não devemos faltar.

Que grandes malandros!

Sob o titulo — *Os odios dos reaccionarios vão ser satisfeitos?* dizia na ultima terça feira o *Cornetim da Margarida*:

Parece que chegou a hora de se satisfazerem os desejos e odios dos clericaes e palacianos. Consta que o juiz de instrucção criminal está disposto a mandar realisar varias prisões, com pretexto no regicidio. Pelo que ouvimos, trata-se de seguir uma pista que ha muito tempo é torpemente insinuada pelos pasquins reaccionarios.

Se assim é, vae o liberalismo do sr. Beirão, amparado com o apoio das beatas, dos frades e dos sachristas, saciar, emfim, os odios que ha dois annos infiltram as almas da mais safada escoria da sociedade portuguesa.

Que grandes malandros!

A mais *safada escoria da sociedade portugueza* não é o pulha, que viveu longos tempos á custa dos dinheiros, que a pobre Margarida obtinha na sua vida arrastada, a sua triste vida de prostituição.

Não é o pulha que batia na mãe, que deixa morrer de miseria e de fome os seus mais proximos parentes, que atraiçoou, para ser lente, os seus condiscipulos e os seus mestres, que roubou infamemente o interdicto Esteves Ribeiro, que infamemente abusou do Julio de Campos, que se aproveitou das circumstancias deploraveis de Lima Junior para arrancar aos proprios correligionarios quinhentos mil reis, que vendeu a sua influencia de deputado republicano e de inspirador do *Mundo*, por treze contos de réis, á *Companhia de Phosphoros*, que tem praticado mil acções, como essas, de ladrão, de canalha, de salteador, de bandido da mais infima especie.

A mais *safada escoria da sociedade portugueza* não é o pulha de quem o jornal brazileiro *Tribuna do Povo* dizia, e muito bem, em 19 de maio de 1898, *que não era brazileiro, nem portuguez, nem monarchico, nem republicano*, ou, então, *que era tudo isso ao mesmo tempo*.

Não era portuguez porque tinha acceitado um emprego do governo brazileiro, o que só podia fazer tomando a qualidade de cidadão brazileiro e perdendo a qualidade de cidadão portuguez. E não era brazileiro porque, depois d'isso, tinha acceitado, sem licença do governo federal, um emprego do governo portuguez.

Não era republicano porque se tinha declarado monarchico no Brazil. E não era monarchico porque tendo sido republicano antes d'isso voltou a sê-lo depois d'isso. E era tudo ao mesmo tempo porque não passava, afinal, d'um cavalheiro d'industria, para quem serviam todas as politicas, todos os partidos, todas as nacionalidades, desde que d'ahi lhe adviesse proveito e rendimento.

O malandro! O grandissimo malandro!

A mais *safada escoria da sociedade portugueza* não é o pulha que roubou em Santos a *Associação protectora da infancia desvalida*, não é o pulha que, sendo vice-consul de Portugal, sonegava o dinheiro das cadeiras pagas a alto preço pela colonia portugueza no sarau em honra dos marinheiros do *Adamastor*, não é o pulha que abandonava á miseria, para fugir com uma prostituta, os seus filhos legitimos, da mais tenra edade, e a sua esposa legitima, a mulher honesta que o sustentou na Universidade á custa d'um trabalho insano, de privações, de sacrificios.

A mais *safada escoria da sociedade portugueza* não é o Arthur Leitão, não é o Padua Correia, não é o Henrique Cardoso, o *Trinta*, o *Maduro*, o *Termónucú*, o *Bento Frade*, o *Lindesinhas*, o Manel Couto, o *Pedro Larica*, o *Palma da Electrica* o *Visconde da Garlopa*, o *Espanta Mortos*, o *Vae Alta*, o *Petiz das Gravatas*, o *Petiz dos Cordões*, o *Zé dos Moinhos*, o *Pechuga*, o *Pintor*, apezar de se dever dizer, em abono da verdade, que o *Pintor* só é mau quando está com a pinga, sendo fóra d'isso uma boa pessoa, até um cidadão exemplar, o que não acontece ao correligionario Affonso Costa, Cunha e Costa e França Borges, que são peores, principalmente o primeiro e o ultimo, quando estão sem vinho do que quando cahem de bebedos nas orgias em que andam todas as noites envolvidos.

Não é nenhum d'esses *cavalheiros*. Esses são *homens de bem*, como lhes chamou o *Calcinhas*. Esses são a *aurora da redempção*. Safada escoria da sociedade é o padre ... porque é padre! Simplesmente por isso. E' o padre ... porque é padre!

E' a *beata*, é o *frade*, é o *sachristão*. Elle o diz, o *Cornetim da Margarida!* Não dirão os bandidos, tambem agora, que é calumnia nossa.

Elle o diz!

E' a *beata*, é o *frade*, é o *sachristão*. N'uma palavra, é o religioso, é o catholico. Fala-se do padre porque o padre é a mais completa expressão da religiosidade no paiz.

E' o religioso, é o catholico, é o ... reaccionario.

O padre é um homem de bem? E' um cidadão cheio de virtudes? Seja ou não seja: é padre, e isto diz tudo. Desde que é padre é a mais *safada escoria da sociedade portugueza*. Desde que é padre, e que não é padre republicano, está abaixo do *Trinta*, está abaixo do *Lindesinhas*, está abaixo do *Vae Alta* e do *Palma da Electrica*, do *Espanta Mortos*, do *Petiz das Gravatas*, do *Pechuga*. Está abaixo do *Bento Frade*, da besta do *Termónucú*, do malandrim do Padua Correia, do trocatintas do Leitão, do pilho do *Maduro*.

A qualidade moral e intellectual do homem afere-se pela qualidade politica. E' republicano? E' *homem de bem*. Dizer-se hoje republicano em Portugal, celebres palavras do *Calcinhas*, é dizer-se homem de bem. Mas não é republicano? E', sobretudo, catholico, conservador, reaccionario? Pois tenha o maior talento que não passará d'uma cavalgadura. Pois seja o homem mais virtuoso que não passará da mais *safada escoria da sociedade portugueza*.

Isto só a tiro!

Matar um homem, quando elle desagrade á quadrilha republicana, é não só legitimo como indiscutivel. Sim, não é só legitimo. E' indiscutivel. Esse homem é rei de Portugal? E' morto quando vigora o regimen monarchico? Continua, morto elle, a vigorar o regimen monarchico? E a vigorar com a mesma dynastia? E na pessoa de seu proprio filho, que nem de perto nem de longe tomou parte na conspiração de que resultou a morte de seu pae? E' a mesma coisa. Foi legitimo matar o rei. Tão legitimo que se torna, até, inutil discutir o caso. A morte do rei foi um acto de tanta humanidade, de tanta justiça e de tal patriotismo que se tornou indiscutivel. E' um caso indiscutivel. Quem matou, matou bem. Os criminosos são indiscutiveis. São sagrados. Tão benemeritos, tão patriotas, que se tornaram sagrados. Persiste a *theoria buissa* do primeiro instante. Não foi n'um acto d'exaltação que se fez a apologia do Buissa. Que se lhe cobriu de flores a sepultura. Que se foi em piedosa e imponente romagem ao cemiterio. Que se considerou o assassino a primeira figura nacional depois do grande Condestavel. Do Condestavel dizem os modernos pensadores da *patria livre* que foi um maluco. Dizem os mesmos, de D. João I, que foi um especulador, que foi um pulha. Gloriosa figura, enorme figura, a primeira figura portugueza desde que existe Portugal, o Buissa, que matou a tiro, no Terreiro do Paço, com mão firme d'atirador emerito, o rei D. Carlos e seu filho.

Quem ousa ahi dizer o contrario? Quem ousa ahi procurar os cumplices do Buissa, se Buissa teve cumplices no glorioso assassinato?

Fazei-lo, **é satisfazer os desejos dos palacianos e dos clericaes. E' saciar os odios que ha dois annos infiltram as almas da mais safada escoria da sociedade portugueza.**

Esta é a theoria republicana em Portugal. Theoria persistente, inabalavel. E' hoje o que era ha dois annos. Hoje a frio, como ha dois annos, que se dizia ser filha da exaltação republiqueira e *libaral*. Mas esta theoria é de bandidos. De puros bandidos. Nunca tiveram outra os bandidos. Foi sempre a mesma, tambem, entre os bandidos. Em todos os tempos, em todos os paizes, em todos os periodos da historia. Simplesmente, jámais, em paiz algum do mundo, ella passou dos antros onde os bandidos legislam para os parlamentos e para as secretarias d'Estado. Jámais ella teve honras de livro e d'imprensa com sancção official.

Essa monstruosidade, como outras, estava reservada para Portugal.

Porque, como os factos eloquentemente o dizem, bem claro o demonstram, bem alto o provam, essa theoria não é só, afinal, a theoria republicana. Essa theoria é a theoria que Alpoim, chefe de partido, aspirante a presidente de conselho, sustenta, implicitamente, a toda a hora. Essa theoria é a theoria que defendia o *Diario Popular*, orgão do partido regenerador, com a famosa historia do *Mortagua*. Essa theoria é a theoria affirmada na camara dos pares, sempre que os pares se riam, descaradamente ouá socapa, dos protestos do conde de Arnoso contra a demora do processo instaurado sobre a morte de D. Luiz Filippe e de D. Carlos. Essa theoria é a theoria do proprio juiz d'instrucção criminal, que **propositadamente despresava todos os indicios, todas as pistas, todas as provas que o podiam conduzir á descoberta dos criminosos.**

Eu não sei se o paiz vê a extraordinaria gravidade d'este caso. Este caso confirma plenamente o que insistentemente vem dizendo o *Povo de Aveiro* sobre o nosso espirito de banditismo, sobre a qualidade dos partidos politicos que dominam Portugal. Nós não tratamos esses partidos senão por *quadrilhas*. Mas attendam os leitores a que não é uma phrase d'effeito. E' a rigorosa expressão da verdade. Em Portugal os partidos politicos são puramente, rigorosamente quadrilhas. Rigorosamente. Ora um paiz dominado por quadrilhas não avança. E quadrilhas não se desfazem senão a tiro.

Senão a tiro!

Quando ellas chegam ao estado a que chegaram em Portugal, quando crearam audacias como as que ficam narradas, quando dominam o parlamento, a imprensa, as secretarias d'estado, os proprios tribunaes, convençam-se: só se desfazem a tiro.

Por isso mesmo nós lamentámos sempre, e cada vez, por amor da patria e da democracia, lamentaremos mais, o tremendo erro que commetteu João Franco em 28 de janeiro. Tinha uma d'essas occasiões raras, rarissimas, de destruir a tiro, primeiro, e com Timor e a Penitenciaria, depois, — mas a licção da metralha seria a mais efficaz, — as duas peores quadrilhas de Portugal. Não o fez e isso foi um grande desastre. Um grandissimo desastre.

Não somos nós que nos illudimos com a cantata da *republica* e da *libardade*. A peor quadrilha portugueza, a mais funesta á democracia e á patria, é, precisamente, a que se diz *democrata*. E' preciso destruila a tiro. Só então, se n'este paiz é possivel a democracia, poderá haver, sobre as ruinas d'essa infame quadrilha, sobre as licções que uma grande tareia acarretar, um partido democrata e republicano em Portugal. Antes d'isso só haverá, cada vez em maior numero, ladrões, assassinos, pulhas, canalhas, como a vilissima corja que ahi está.

A tiro! A primeira quadrilha a ser destruida é a quadrilha republicana. A tiro! Não será destruida de outra forma. Destruida a quadrilha republicana está naturalmente destruida a quadrilha dissidente, que d'ella vive. E estão notavelmente enfraquecidas as outras quadrilhas monarchicas, para quem o partido republicano tem sido até hoje um magnifico instrumento.

Este é outro facto notavel. O partido republicano é que tem dado *alento* ás quadrilhas monarchicas. O partido republicano, prestando-se sempre, consciente e inconscientemente, a fazer o jogo das quadrilhas monarchicas, ainda por esse lado tem sido o peor elemento de perturbação, d'especulação, de desmoralisação n'esta terra desgraçada.

Em nome da salvação nacional, urge destruir as quadrilhas que se disfarçam sob a etiqueta de partidos monarchicos e de partido republicano. Mas em nome da mesma salvação nacional, da justiça, da verdade, da moralidade publica, urge começar pela destruição da quadrilha republicana, a mais infame e a mais perigosa d'ellas todas.

E' essa infamissima e perigosissima quadrilha já se não destroe senão a tiro.

Se em Portugal ha homens honestos e homens de juizo, decididos a fazer um esforço em prol da honra e dos interesses da sua patria, que tomem nota, muita nota do que fica dicto, e que se não esquecam.

Que se lembrem todos os dias!

Que se não esqueçam nunca!

Um Casal de Perús

Escrevem-nos a perguntar-nos se o padre Mattos nos mandou um casal de perús.

Porquê? perguntará o leitor.

O correspondente explica: porque o *Floresta Negra* nunca mais falou no *pae do orphão Albino abandonado*.

" Você, accrescenta o correspondente, foi a providencia do padre Mattos, como o tem sido de tanta gente. O padre Mattos aguentou-os tempos infinitos. Elles mangaram sempre com o padre Mattos. Mas saltou-lhes você no pêlo a proposito do *orphão Albino* e os mariolões ... entupiram. Nunca mais falaram no *orphão Albino*. O padre Mattos deve-lhe um casal de perús, e de perús gordinhos. "

Deve. Mas, já agora, deixemos a coisa para a paschoa. As amendoas são mais baratas. Mesmo porque os homensinhos são capazes, agora, de voltar a falar no ... orphão Albino.

Se o fizerem ... já sabem: saltamos-lhe em cima com a Emilia.

E nós, que sabemos todos os segredos da Emilia!

A Bandalheira Nacional

Nas festas de José Estevão, com que Aveiro solemnisou o centenario do nascimento do grande orador, e que foram pouco menos d'um fiasco, deu-se um facto notavel, e que provou, por um lado, a razão com que nós diziamos no domingo que Aveiro nunca comprehendeu nem comprehende, nunca apreciou nem aprecia, nunca amou nem ama José Estevão, sendo tudo uma questão pelintra de vaidade e amor proprio local, e, por outro lado, mais uma vez, a versatilidade, a fraqueza, diremos mesmo a ignominia do caracter nacional.

Entre os oradores que entraram no sarau, a parte da festa especialmente destinada ao panegyrico, ao elogio historico, á apotheose do tribuno, figurou Cunha e Costa!

Isto diz-se e não se commenta. Tamanha é a degradação que o facto representa!

Não se podia levar mais longe a prostituição. Não se podia affrontar mais descaradamente a memoria d'um homem por tantos titulos illustre. Pois julgam os leitores que foram os republicanos quem convidou Cunha e Costa? Julgam os leitores que foi, ao menos, por influencia dos republicanos que elle foi convidado? Não julguem, que se enganam. Quem convidou Cunha e Costa foi o sub-chefe do partido franquista n'esta cidade. Foi o sr. dr. Jayme Duarte Silva, ainda hontem presidente da camara municipal como representante do partido regenerador liberal, redactor d'um jornal que tem escripto por baixo do titulo, em grandes lettras, jornal monarchico, e, talvez, o mais fogoso orador, n'outro dia, do comicio da Fogueira.

Isto assombra. Mas assombra porque não se suppõe, não se pode suppor, não o suppõe o paiz, não poderiamos nós mesmo suppô-lo, imagina-lo, que estivesse tão baixo, tão rasteiro, tão proximo da lama o caracter nacional.

Um dia que se passa, n'este meio infame em que vivemos, é mais uma prova de que é funda, enorme, espantosa, a degradação, a prostituição, o lodo, em que chafurdam n'este paiz todos os homens.

Que tristeza! Que tristeza!

Que grande dôr!

São provas sobre provas da nossa ignominia. São factos sobre factos a demonstrar a nossa vileza de caracter. São decepções sobre decepções a arrancar toda a esperança.

Que tristeza! Que grande tristeza!

Que enorme dôr!

Tenha paciencia, sr. dr. Jayme Duarte Silva. Já lá vão passadas as epochas em que vivamente o atacavamos. Não as queremos, nem de perto, nem de longe, resuscitar. Sentimos, mesmo, sentimos muito, ter de lhe dizer hoje estas duras verdades. Mas era preciso. Mas era indispensavel. Nem o senhor podia esperar outra coisa da nossa parte.

Tenha paciencia, que cumprimos, que estamos cumprindo, um dever sagrado. D'aquelles deveres dos quaes coisa nenhuma, nem mesmo o perigo de perdermos a vida, nos affasta.

Isto não é uma verrina, e nem mesmo um ataque pessoal. Isto é um acto de justiça, que devemos a nós, que devemos ao publico, e que, acima de tudo, devemos á verdade. Um acto de justiça que praticariamos, se fosse preciso, contra o nosso proprio pae.

Como o senhor affrontou a virtude! Como a affrontaram todos aquelles que, sem protesto, lh'o toleraram.

A prostituição, a prostituição a que chegámos! Não tem outro nome: a prostituição a que chegámos! Este é o nome proprio.

Affrontou o senhor a virtude e affrontaram-na todos aquelles que, repetimos, sem protesto lhe admittiram o seu acto.

Eu bem sei que todo o mundo murmura na cidade. Eu bem sei que é geral a reprovação surda a esse acto. Eu bem sei que, se houvesse tempo, o sr. dr. Jayme Duarte Silva não teria levado avante a affronta praticada. Soube-se á ultima hora da chegada do Cunha e Costa. Nós soubémo-lo, por acaso, meia hora antes do sarau principiar.

O sarau foi lançado, e com justificados motivos, a um abandono completo. Ninguem quiz saber do sarau. Ninguem pensou em ir ao sarau. A sala ficaria deserta, ou quasi deserta, se o sr. dr. Jayme Duarte Silva não começasse, á ultima hora, a distribuir á claque e a vadios, e entre estes figuravam condignamente os membros da imprensa, bilhetes de graça. A esta redacção vieram traze-lo ás quatro horas da tarde Nós, que não sômos jornalista, porque não sômos vadio, nunca o fomos, nunca o havemos de ser, nem reparámos na demora. Não quizemos saber do bilhete nem queremos saber de bilhetes para nada. Não acceitâmos nem acceitaremos convites para theatros, para saráus, para festas, seja para o que fôr. Não tencionavamos ir ao sarau. N'essa resolução estavamos, n'essa resolução ficámos depois da chegada do bilhete. Não esperavamos por elle. Não extranhámos a demora. Mas, depois, disseram-nos que a illustre *Associação Commercial*, a cujos destinos preside o sr. dr. Jayme Duarte Silva, não tencionava mandar bilhetes á imprensa, e só o fez quando viu, á ultima hora, que elles lhe sobravam. N'essa parte andou o sr. dr. Jayme Duarte Silva muito bem e merece todos os nossos applausos. Jornalistas são vadios. Não ha nada mais asqueroso nem mais vil em terra portugueza. Como o demonstra eloquentemente a infamia d'esta sociedade, de que elles, jornalistas, são os educadores, os inspiradores, os guias responsaveis. Bater-lhes, esbofetea-los, é acto de justiça, cem vezes meritorio.

Mas o sarau foi lançado, e com justificado motivo, a um abandono quasi completo. Pouca gente se interessou pelo sarau. De maneira que foi facil chegar-se á ultima hora sem se saber quem falava. E n'essa altura era impossivel obrigar o sr. dr. Duarte Silva a recuar. Cunha e Costa estava a chegar.

Não obstante, isso não absolve certas personalidades. Ahi é que se vê a falta de energia e de virilidade d'esta raça desgraçada. Porque se o caso fosse comnosco, se nos interessasse directamente, se nós fossemos filho de José Estevão, por exemplo, Cunha e Costa, garantimo-lo, não falava.

Não. Manchar esse pilho a memoria de meu pae, esse pilho, esse brejeiro, esse prostituto da mais infima especie, isso não manchava. Garantimo-lo nós!

E' espantoso! Cunha e Costa a fazer a critica moral de José Estevão! E' espantoso!

Cunha e Costa, alli, no theatro, o pilho, com o seu eterno feitio de *pierrot*, porque não é senão um *pierrot*, um palhaço, e todo o seu talento é talento de *pierrot*, de saltimbanco, de palhaço, a fazer esgares e a dizer graçolas a proposito d'uma figura intellectual e moral como essa grande figura que se chama José Estevão na historia, a amarrar o filho do tribuno, alli presente, a esse poste d'ignominia, e ainda por cima a desanca-lo desalmadamente, sem elle erguer o pé e cuspir em cima do publico bestial, do publico alvar e pulha, o pilho brejeiro, o garoto, com o bico da bota, é um espectaculo monstruoso, que agita d'indignação os nervos d'um homem, mas que ao mesmo tempo, entristece.

Nós não vimos, porque não assistimos. Mas contaram-nos. *Pierrot* entrou ás cabriolas. Como de costume. Fez uma venia, que dizem ter sido bem feita. Disse quatro larachas, que dizem ter sido bem dictas. Fez esgares, que fizeram rir. O publico, palhaço e baixo com elle, achou talento ao saltimbanco reles, ao arlequim sem pudor, mas engraçado. Depois desatou n'uma trepa formidavel *n'isto tudo*. Não havia marinha, Não havia exercito. Não havia pontes, nem calçadas. Não havia rios. Não havia mares. Não havia campos. Não havia florestas. Não havia, sobretudo, moralidade publica. Apesar dos esforços d'elle e. . . d'aquelle.

Elle . . . era elle. Aquelle . . . era o Magalhães Lima, outro orador do sarau.

Eu e aquelle!

Elle e aquelle bem faziam esforços por restabelecer a justiça, a verdade, por impôr ao poder e ao paiz a . . . moralidade. *Eu e aquelle! Elle e aquelle!* Em frente . . . o governador civil, de crachá de gran cruz da Conceição, com que havia sido agraciado n'esse dia, ou na vespera, a ouvir aquillo tudo, em respeitoso silencio. Atraz, Luiz de Magalhães, na mesma attitude respeitosa, Luiz de Magalhães, filho do grande tribuno, Luiz de Magalhães, ex-ministro de Estado, por conseguinte réo, um dos réos d'aquelle crime, d'aquelle enorme crime, de que . . . *eu e aquelle . . . elle e aquelle* . . . Cunha e Costa e Magalhães Lima, tinham procurado, esforçando-se por restabelecer a justiça, a verdade, a moralidade, salvar . . . esta patria desgraçada.

E não ha um raio que os fulmine, a *todos*, um raio que os parta!

Um raio, um raio que os parta!

Que triste sina! Que má sorte!

Semana Lisboeta

Theatro D. Amelia. — Companhia italiana de Mimi Aguglia — *Malia*, de Luigi Papuana; *La Figlia de Jorio*, de Gabriel d'Annunzio; *I Carbonara*, de Alfredo Oriani; *Cavallaria Rusticana*, de Giovanni Verga; *Zazá*, de Berton y Simon; *Garofalo rosso*, de Ugo Ojetti; *Buona gente*, de Luigini Capuana; *Santarenilla*, extrahida por Vicenzo Ferrau do vaudeville *M. Milouche*; *A Dama das Camelias*, de Alexandre Dumas, Filho; *La Lupa*, de Giovanni Verga; *Quarto d'ora*; de Carpea de Andréa; *Teresa*, de Brogi; *O ladrão*, de Henri Bernstein.

Terminou hoje, com a repetição da *Zazá*, as suas representações n'esta cidade, essa assombrosa mulher que ha dez dias nos revela, no palco do D. Amelia, o seu genio creador e quão alto pode elevar-se um ente humano, physicamente tão mortal como a mais mortal das creaturas.

A estada em Lisboa de Mimi Aguglia foi, para todos nós, o mais notavel acontecimento artistico dos ultimos tempos.

Elle se deve, o extraordinario prazer e o extraordinario beneficio prestado ao publico de Lisboa, de poder ouvir e ver Mimi Aguglia, elle se deve ao sr. Visconde de S. Luiz de Braga, emprezario do Theatro D. Amelia, que, incontestavelmente, tem prestado a Lisboa relevantissimos serviços trazendo-nos tudo quanto de notavel na arte dramatica possue o extrangeiro.

No momento em que, esmagados pelo seu talento colossal, prestamos ardentes homenagens á grande actriz italiana não podemos nem devemos furtar-nos a render ao sr. visconde de S. Luiz de Braga que no-la trouxe, sem mira em lucros pouco provaveis e que na realidade não deve ter havido, os mais enthusiasticos applausos e os mais reconhecidos agradecimentos.

Mimi Aguglia é uma mulher de 23 annos apenas, pisando ha tres o palco; cheia de mocidade, de vida e de ardor. Conseguiu, em tão insignificante espaço de tempo, interpretar os mais difficeis personagens das mais difficeis tragedias, como a Duse, ao fim de longos annos de identificação com o palco, jamais interpretou. Conseguiu, no drama, na obra de minucia, na obra de detalhe, pormenorisar n'uma exteriorisação primorosa as mais insignificantes sensações da alma humana. Conseguiu, na alta comedia, como na farça, ser uma actriz admiravel, espirituosa, cheia de graça, cheia de vida, cheia de interesse. A sua assombrosa multiplicidade de aptidões torna-a, sem duvida, a primeira figura da scena mundial e Mimi Aguglia não é somente uma actriz de talento, queiram ou não queiram os outros — é uma actriz de genio.

Simples, sobria, honesta até ao exagero na sua maneira de representar, a grande actriz italiana tem instinctiva repulsão por todos os *trucs* de scena, tão empregados pelas notabilidades de nome feito. Cultiva a arte com amor, com paixão, procura em longos dias de estudo incarnar-se no personagem que representa e em todos os seus desempenhos ha um cunho de originalidade, de novidade, de criterio que mostra claramente a sua poderosissima intelligencia e o seu profundo temperamento de artista.

Pequena, franzina, delicada, eu sei que lhe falta uma das condições indispensaveis para agradar ao grande publico: o volume. Não é uma formosa, sendo no emtanto graciosa, insinuante e possuindo uns olhos de fogo que revelam tudo quanto na sua alma se passa, os momentos mais dolorosos, os momentos de alegria, de resignada amargura, de enternecida melancholia, de reflexão, de febre, de odio, de amor. Tem uma explendida mascara e um jogo physico e comico tão exacto, tão expressivo, tão extraordinario que por si só bastaria a fazê-la uma grande artista. A sua voz é maleavel, ora doce, ora aspera, entornecendo como um cantico harmonioso ou rasgando-nos a alma como uma lamina de aço.

E' completa, é perfeita, é grande, em todos os generos, mas onde ella é realmente assombrosa, onde ella é maior que todos os grandes artistas de reputação feita, é na tragedia, de que tem a a intuição natural, de que tem a intelligencia, de que possue, emfim, o genio! Eu vi a Duse fazer a *Dama das Camelias*, vi fazê-la á Vitaliani, vi fazê-la a todas as grandes artistas que teem pisado em Lisboa. Somente não vi Sarah Benhardt. Suppuz que seria impossivel fazer maior e melhor que a Duse. Fui na segunda-feira para a Mimi Aguglia convencido de que, quando muito, a egualaria. E confesso que me enganei. Confesso que sahi de lá arrazado, sem chegar a comprehender como é possivel ser tão grande.

Vi fazer a *Zazá* por todas as grandes artistas do nosso tempo. E como ellas ficam longe da Mimi Aguglia! Gomo ellas são pequenas ao pé d'ella! Como a sua figura se apaga e esta assombrosa mulher se eleva mais alto, mais alto, sempre mais alto.

Mas analysemos, em breves palavras, o seu trabalho de cada noite.

Estreou-se com a peça de Luigi Capuana, *O Maleficio*, em portuguez, que é um vigoroso quadro d'uma aldeia da Scicilia onde se desenrola um drama horrivel que desfecha em tragedia. Violento, impetuoso, negro, esse episodio é admiravelmente representado pela companhia italiana encarnando Mimi Aguglia o papel de June, uma hysterica que a superstição popular considera demoniaca. N'esse personagem, admiravelmente detalhado, pormenorisado até á minucia, Mimi Aguglia põe a esse todo o seu valor tragico e constantemente vibra n'ella alguma coisa, que nos faz vibrar a nós e que é, positivamente, mais do que talento. O ataque de histerismo que acommette June no 2.º acto é um verdadeiro assombro. Não é possivel fazer mais e com tanta naturalidade, com tanta simplicidade, com tanta singeleza.

Logo no primeiro dia em que appareceu ao publico de Lisboa Mimi Aguglia conseguiu dar do seu valor uma impressão decisiva. E essa impressão foi tão grande que ao cahir o pano sobre o ataque do 2.º acto, a multidão rompeu n'uma ovação delirante e enthusiastica que a desconfiança publica contra a grande artista não conseguiu impedir.

Figlia de Jorio é a notavel tragedia em tres actos de Gabriel d'Annunzio que Mimi Aguglia levou á scena em Lisboa em segunda recita de assignatura.

Uma camponeza, que não prima pela irreprehensibilidade da sua conducta, apaixona-se e apaixona um rapaz que está em vesperas de casamento. O pae d'este quer roubar-lhe a amante que resiste heroicamente e o rapaz ao descobrir a infamia do pae, mata-o.

São ambos presos, elle e a amante, e esta, para o salvar, declara-se auctora do crime e é condemnada á fogueira. Morre abençoando a morte e entoando um hymno ao fogo, que tudo purifica, e á chamma bella.

E' uma tragedia horrivel em que Mimi Aguglia confirma, com brilho inesperado, a impressão da vespera. Todo o seu trabalho é formidavel, horrivelmente grande, e quando o pae do amante entra em scena e pretende conquistal-a, ella encosta-se, contrahe-se, o seu rosto adquire uma expressão extranha, os seus olhos chispam fogo, as veias do pescoço engrossam, tomam uma côr escura, negra, enegrece-lhe a cara toda, e dos labios rebenta-lhe o sangue em gotas roxas.

E' pavoroso. Não se pode mais. Suffoca-se. Mimi Aguglia é enorme!

Em terceira recita. *Cavallaria Rusticana* e *Carbonara*. A grande artista que vem de rasgar-nos a alma em duas violentas notas de tragedia dá-nos de repente a dor desesperada da personagem da *Cavallaria Rusticana*, sabendo conter a fogosidade do seu temperamento arrebatado e louco. E esta noite foi a prova real e ultima do seu extraordinario valor.

Como posso entrar na analyse detalhada do seu desempenho se eu escrevo sob a impressão esmagadora d'um deslumbramento inesperado, se tenho os nervos arrazados por uma impressão fortissima! Não é possivel, depois de dez noites em que se ajoelha perante uma força superior e quasi sobrehumana, noites de vida intensa e profunda em que todo o ser vibra em estremecimentos continuos, em convulsões de tragica agonia, não é possivel ser claro, não é possivel ser preciso, não se pode escrever porque se não encontra palavras que traduzam as impressões deliciosas de que vimos cheios, porque a vibração nervosa nos não permitte a coordenação serena e reflectida das ideias que em briga nos acodem.

Cahido o panno sobre a *Cavallaria Rusticana* Mimi Aguglia encarna a figura de Anna no *I Carbonara*, serena e resignada na sua triste situação de vendida a um homem que não ama. No primeiro acto soffreia habilmente o seu temperamento fogoso, é calma, tranquilla, e na sua melancholia ha lampejos de genio. No segundo já não é a mulher que chora tristemente a infelicidade d'uma vida que não vive, repassada de saudade e de tristeza, mas a desesperada que rebenta em violentas commoções de revolta e de dôr, quando vê succumbir ás mãos do marido odiado o homem que era ainda a unica esperança e o unico estimulo da sua vida angustiada.

Que modalidade de aspectos, que intuição artistica nas differentes *nuances* do quadro! E como n'esse corpo escorrido e pequenino, n'essa apagada e estranha figura de mulher fulgura e resplandece o genio creador!

Zázá foi na quarta noite e eu não sei que mais admirar: se o estudo perfeitissimo e completo do primeiro acto, nos seus mais infimos detalhes, nas mais insignificantes minucias, fazendo brilhar o que ninguem via, dando fogo e vida e calor ao que ninguem encontrava, se o trabalho formidavel dos outros actos, cheio de originalidade, rico de observação, de execução primorosa e flagrante de verdade.

A *Zázá* é uma das grandes creações de Mimi Aguglia. Creio que não houve uma unica pessoa que o não sentisse.

No dia immediato levou a companhia italiana duas peças simples que são das mais fracas do seu reportorio. A primeira *Garofalo rosso*, não tem interesse algum, mas mesmo assim a eminente artista consegue arrebatar a platea n'uma ovação delirante. *Buona gente* é uma obra interessante, despida de artificios, tão somente o desenvolver natural da acção, e Mimi Aguglia interpreta-a, como sempre, superiormente. A falta de espaço não me permitte entrar na analyse de novos pontos.

Santarenilla é exthahida por Vicenzo Ferrau do conhecido *vaudeville M.lle Nitouche*, é é uma peça boa, simples, quasi infantil mas espirituosa e interessante. Mimi Aguglia foi magistral no seu desempenho, ingenua, curiosa, alegre como uma creança e possuindo já o ardor d'uma rapariga que principiou a sentir-se mulher. Conseguiu, sem perder a infantilidade da creança, ter o ardor e a paixão da mulher que desabrocha.

Depois a *Dama das Camelias*. No 1.º acto Mimi Aguglia representou muito bem, como sempre, fazendo que o acto desse o mais que é possivel dar. Entretanto não comprehendo como uma tuberculosa pode ser corada e viva, a côr e a vivacidade que Mimi Aguglia e todos os interpretes que tenho visto lhe dão. Reputo isso um erro. Depois foi extraordinaria no desenrollar de toda a peça, preparando as situações com mestria inexcedivel.

Eu não sei, francamente, o que hei-de dizer d'ella. Estou aqui a encher papel, a occupar espaço, e não posso dizer nada. Porque tudo quanto eu possa dizer é muito menos do que ella vale, muito menos do que ella é, muito inferior ao que ella ha de ser. Não tenho cabeça para tamanha envergadura. Chega a ser pretenciosa a minha critica. O seu trabalho no ultimo acto é tão extraordinario, tão differente de tudo quanto eu tenho visto, tão perfeito, tão superior, tão genial, que é impossivel classificá-lo com precisão.

Eu sahi do theatro com os nervos mortos, sentindo uma opressão estranha no meu peito, como que me arrancavam as entranhas e me rasgavam uma a uma as fibras do sentimento. Essa mulher faz um preludio á morte tão assombroso, a sua voz, a expressão do seu rosto, os seus olhos, a sua bocca que falava em silencio, a contracção dos seus musculos na visão do homem amado que precede a morte, e a chegada d'aquelle, é uma coisa tão admiravel, tão commovente que muitas das creaturas que despreoccupadas assistiam devem ter soffrido mais, n'aquelle momento, sem o querer, do que haviam soffrido quiçá durante a vida inteira.

Essa visão é na Duse um episodio sem relevo e a sua morte demoradissima é falsa, tudo quanto ha de mais falso e de mais forçado.

Mimi Aguglia faz da visão uma coisa assombrosa, horrivel, de despedaçar um coração e morre de repente, em dois movimentos, por um suffocamento subito.

Só assim podia morrer a thysica da *Dama das Camelias*. E eis como, com muito mais simplicidade e singeleza, esta artista conseguiu alcançar a verdade. Mas para morrer assim e impressionar como ella impressiona, e commover como ella commove, fazer chorar n'um mesmo movimento involuntario milhares de pessoas, sem *trucs*, sem habilidades, sem intrujices, é preciso possuir, como ella possue, integro, extraordinario, vivo, o genio da tragedia.

E' preciso soffrer as agonias tragicas da existencia, as grandes dores que despedaçam almas e rasgam corações, que levam a humanidade para as tragedias da morte e as arrastam pelas miserias da vida.

E' preciso ter *genio*, na acepção mais alta que se pode dar á esta palavra.

Fechou esta *etape* triumphal da sua carreira *O Ladrão*, a celebre peça de Bernstein na epocha passada desempenhada pela companhia portugueza no Theatro D. Amelia.

No 4.º acto, e pela primeira vez, não gostei da Mimi Aguglia, que não interpretou bem aquella parte, por irreflexão nada mais, e isso em nada diminue o valor da genial artista. O *Ladrão* não pertencia ao reportorio da companhia, que o ensaiou á pressa, sem tempo e sem methodo. E Mimi Aguglia não reparou que n'uma sala, deante de pessoas extranhas, ainda que pessoas amigas, não eram possiveis aquelles exaggeros de excessiva ternura que pertencem á vida intima e em publico degenerariam em impudôr. Foi demasiadamente ardente no 1.º acto e errou na interpretação da personagem. Mas ao mesmo tempo preparava admiravelmente a successão dos acontecimentos. No 2.º acto retomou a linha e foi, ainda uma vez, artista extraordinaria e mulher assombrosa. Toda a scena com Ricardo Voisin é d'uma intensidade immensa e d'uma belleza agradavel. Quando ameaça o marido de se lançar pela janella, o seu rosto adquire uma expressão de dor, desespero e decisão que impressionam a platéa inteira. Na supplica, nos protestos de amor, na vergonha, no desespero, no arranco de dignidade, todos esses sentimentos Mimi Aguglia exteriorisou genialmente.

E perante o seu genio extraordinario, perante a primeira figura da scena mundial, perante o excepcional temperamento de artista que abandona a sua cabana nas faldas do Etna para dar ao mundo os fructos primorosos do seu talento fulgurante eu curvo-me respeitoso, affirmando á mulher os meus sentimentos respeitosos, affirmando á artista de genio á tragica sublime a minha adoração humilde e recolhida de amigo da Arte.

Lisboa, 23 de dezembro de 1909.

Menalkas.

N. da R. — Este artigo foi escripto para o numero de domingo passado. Chegou, porem, atrazado por causa dos temporaes.

Ainda hoje não podemos falar d'outro bandido, outro membro da quadrilha que rabisca n'um pasquim republicano que se publica em Santos, Brazil. Elles são tantos... E o espaço, para tantos, é tão pouco...

Mas descancem os patriotas do Brazil. Vamos a vêr se calha no proximo domingo.

Esse é o tal de quem dois membros illustres da colonia portugueza nos diziam, em carta de Santos que o *Povo de Aveiro* publicou em 17 d'outubro findo:

Agora cabe-nos falar d'um jornal que e distribuido gratis, lançando-o de noite por debaixo das portas, conduzido por 4 republicanos portuguêses, armádos, para que se algum patricio monarchico não quizer receber o jornal, ou maltratar o seu conductor, os outros três o desancarem. E' director d'elle José Eduardo Augusto Ferreira de Carvalho Pimentel ou José Augusto Ferreira de Carvalho; dizem-nos que elle ahi usava o nome maior e que aqui usa o menór. Chegou a São Paulo, de onde não tornou a sahir, em 1895. Diz-se, não sabemos se com fundamento, que elle servia ahi, na marinha, ou commissões addidas ao ministerio da marinha, como farmaceutico de 1.ª classe, acrescentando que tinha patente de official subalterno; que teve que emigrar porque não se conduziu como devia e que foi obrigado a abandonar o logar por isto. Terá v. ahi, meios para verificar isto? Seria convenientissimo, porque desconfiamos que temos aqui Tartufo com cara de Catão. Já se referiu a v. nos termos mais infames elle e um filho— Carvalho Pimentel. Enviamos a v. os jornaes, cujo titulo "A Patria Portuguêsa„.

Quem conhecer a chronica do bandido, queira praticar o benemerito serviço de dar para cá informações.

Somma e segue.

Chega ao nosso conhecimento que um dos republicanos de Braga, muito conhecido n'aquella cidade, vendeu uns papeis de credito e gastou em provelto proprio a importancia dos mesmos que era de dois contos e oito centos mil réis, papeis que pertenciam a um dos empregados d'um estabelecimento d'instrucção d'aquella cidade e que o pobre homem teve a ingenuidade de lhe entregar.

Somma . . . e segue.

Borracho

Tinhamos nós dicto, quando foi da nossa questão com elle, que o miseravel, o bebedo sem vergonha, o devasso nojento, o *souteneur* infamissimo, o digno camarada do Affonso Costa e do Margarido, sabia perfeitamente que o seu duello com Cardeira e Wenceslau era inteiramente impossivel.

Primeiramente, não seria facil encontrar, disseramos, dois homens que se encarregassem do ridiculo papel que o bebedo sem vergonha lhes queria fazer desempenhar. Assim foi. Não encontrou dois homens. Encontrou dois pulhas. O Affonso Costa e o Margarido. Um ladrão, um canalha, e um *souteneur*, um sujo. Que ridicula coisa, que nojenta coisa, digamos, não é o tal campo da honra! Que farçada! que mentira! E não vêem estes farçantes que só despertam, com a tal mania dos duellos, desprezo e riso! O Borracho, o bebedo, o pulha do Borracho, a repellente creatura que arrastou pelas tabernas e pelos bordeis a sua triste individualidade, e que, nadando no vomito repugnante das tabernas, e que, chafurdando no lodo dos prostibulos, creou o *logar de destaque* que occupa na sociedade portugueza, o ladrão do Affonso Costa, o pulha que obrigava a mãe a ser creada de servir nas suas orgias dissolutas com porcas meretrizes, espancando a triste quando ella não podia vencer a repugnancia a que o seu pudor a impellia, o malandro que attingiu o logar de lente da Universidade á custa da garotice, da heroica canalhice praticada com Fratel, seu condiscipulo, o bilontra sem egual, o bilontra sem par, que pagou, depois, ao lente Chaves, victima do seu logro infamissimo, a classificação com que lhe abrira as portas da Universidade accusando-o de falsificador, o *souteneur* d'Amandas Rosas, o ladrão da herança Esteves Ribeiro, o ladrão do Julio de Campos, o especulador vil do caso Lima Junior, o concussionario da Companhiia dos Phosphoros, á qual extorquiu quantias fabulosas á sombra da sua influencia de deputado republicano, de membro do directorio, de inspirador, de verdadeiro director do *Mundo*, emfim, de chefe de um partido que se diz de moralidade, de verdade, de justiça, e o França Borges, o burro, a besta, o animal que só conseguiu avançar na vida por ser um bom *chulo* e um escravo indecente de todas as vilezas dos chefes consagrados da republica, os tres a representarem a honra, convertidos em sacerdotes magnos da honra, francamente, é dos espectaculos mais torpes, mas ao mesmo tempo mais hilariantes, a que um homem de juizo pode assistir.

Havemos sempre de dizel-o: Offenbach morreu antes de tempo. O verdadeiro ducado de Gerolstein, é este.

Mas, em primeiro logar isso. Só dois rufiões, só dois malandros, só dois chulos se podiam prestar ao papel ridiculo e indecente d'ir desafiar Wenceslau e Cardeira.

Sem coragem, a nobre coragem d'um homem que elles nunca conheceram, sem a verdadeira valentia de repellir especulações, torpezas, ridiculos, como um homem valente — coisa que não ha n'esses palhaços, n'essas ignobeis creaturas cobertas de guizos, d'alvaiade e de zarcão, que dirigem esta deformada, esta horrenda sociedade portugueza — sabe repellir, é claro que Cardeira e Wenceslau se prestariam á comedia, nomeando duas testemunhas para tomarem parte no ignobil entremez. Mas é claro tambem que os dois comparsas não acceitariam o duello. O mais que poderia succeder seria intervir um arbitro. Mas é claro ainda que o arbitro decidiria contra Borracho fatalmente.

Isso tudo estava dicto por nós. Isso tudo estava previsto por toda a gente. O pulha sem a menor imputação, que ganhara os galões de general a cobrir de vomitos a farda, a ameaçar com a sua espada os chulos rivaes e a dar pranchadas em soldados que liam jornaes republicanos e em prostitutas que lhe não davam promptamente dinheiro para vinho, o *tombador de queixo*, o porco nauseante, que apregoava as suas habilidades de *tombador de queixo*, e que com ellas se recommendava, a qualidade devassa que o distinguia, a essas latrinas doiradas e a essas latrinas piolhosas que em linguagem corrente se chamam prostitutas, quer prostitutas de salão, quer prostitutas de prostibulo, o sujo, o sapo, o reptil hediondo sabia perfeitamente que o *seu duello* seria impossivel. Mas queria mais uma vez *fazer partes*. Mas mais uma vez queria *dar espectaculo*. De *espectaculos*, de *fantochadas* viveu sempre, o miseravel. De *fantochadas*, d'*espectaculos* teem vivido todos os malandros n'esta sociedade de torpes e imbecis. Mas queria, alem d'isso, arranjar pretexto para denunciar aquelle contra o qual só lhe restava, porque o não temia, porque cuspia ousadamente na sua invulnerabilidade, feita de reclames de rufiões e meretrizes, adquirida em berros e esgares de valentão postiço, contra o qual só lhe restava esse recurso de pulha, de *souteneur*, de malandro, de vadio.

Debalde, bandido. A hora da verdade soou para este paiz. Estamos no momento historico da queda de todas as charlatanices, de todas as especulações, de todas as mentiras. O paiz ergue-se, emfim, e ergue-se vibrante, e ergue-se resoluto. A opinião publica manifesta-se, e manifesta-se eloquentemente. Uma das provas mais cabaes, a mais significativa, a mais extraordinaria, a mais completa de que ha, emfim, opinião publica n'este paiz, e de que essa opinião publica condemna formalmente todos os banditismos e todos os bandidos, está no successo extraordinario do *Povo de Aveiro*. Se attendermos a que o *Povo de Aveiro* é semanal, se attendermos a todo o desprezo que se tem pretendido fazer recahir sobre o seu director, a todos os laços, a todas as traições, a todas as ciladas que se nos teem armado, a todas as perseguições que se nos tem movido, a todos os descreditos que em volta de nós se teem feito, a todas as calumnias que nos teem arremessado e á enorme tiragem que, para jornal semanal,

já tem o *Povo de Aveiro*, á qualidade dos seus assignantes e leitores, á sua circulação em todo o paiz, ilhas, Africa, Brazil, emfim, á sua incontestada e grande influencia no paiz, pode-se dizer, sem receio, que não tem havido maior successo jornalistico.

Soou a hora da verdade, soou a hora da justiça, n'esta terra. Ha uma evidente revolução nos espiritos portuguezes. Ainda clamamos contra a decadencia do caracter nacional, contra tantas provas de corrupção, de prostituição, de vileza, que se ostentam e se repetem ahi á nossa vista. Mas a reacção opera-se. Mas a reacção sente-se e é grande.

Isso é incontestavel.

Treme, alue-se, vê-se que vae tombar, que vae cahir, a peanha que sustenta os farçantes. Apaga-se a aureola que cinge os charlatães, os tartufos. Surge, evidentemente, uma nova força na vida portugueza.

E tu és a prova, Borracho. Como conseguiste erguer-te n'uma peanha d'immundices, de lama, de vergonha? Como fizeste uma aureola do vicio? O que te impôz? O que te fez valer? O que te fez temer? Mysterio! E' d'essas cegueiras dos povos que não se explicam, mas que são um facto. D'essas cegueiras de que pasmam os proprios que andavam cegos. D'essas cegueiras que só se reconhecem, com assombro, quando os cegos abrem os olhos e olham. Mas é o facto! Mas tiveste peanha! Mas tiveste aureola! Era, porem, tão fraca a peanha, tão amassada de vicios e torpezas, era, porem, de luz tão embaciada, luz de taberna, luz de prostibulo, luz do vicio, luz do crime, a aureola que te cercava, era, porem, tão destituido de fundamento o terror que inspiravas, que bastou um *piparote* d'um *desqualificado* para tudo se desfazer e ir a terra.

Covarde! Farçante!

Porque ha de ficar provado, alem de tudo, que o miseravel é um covarde, que o miseravel não passa d'um farçante. Porque ha de ficar provado que o miseravel só vivia do terror. Porque ha de ficar provado que o miseravel, tendo creado uma atmosphera de terror, só se dirigia áquelles que viviam asphyxiados por essa atmosphera de terror. Cahiria, succumbiria, appareceria o que é, um parlapatão, no dia em que alguem lhe perdesse o medo.

Porque não desafiaste o auctor do artigo da *Dépêche*, que te cobriu de ridiculo? Parlapatão! Farçante!

Define-te bem o numero da *Illustração* do Silva Graça! Define-te admiravelmente! Um parlapatão! Um farçante! Um fanfarrão! Um valentão ridiculo!

Vamos, deixa lá o Cardeira, que não teve vergonha de reconhecer, ainda por cima, a tua *dignidade* e o teu caracter. O Cardeira, que está farto, como as suas testemunhas, de saber que tens sido um bebedo, um devasso, um malandro, um pulha.

Não tem vergonha, o Cardeira. Não tem vergonha nenhum d'esses generaes, nenhum d'esses *gros bonets* do militarismo. Se elles tivessem vergonha, se tivessem pejo, se soubessem o que é honra e brio ha muito tempo que te teriam corrido a pontapés. Se n'esse desgraçado exercito houvesse justiça, e honra, e brio, e o tal pundonor tão apregoado, ou tu terias sido expulso ha muito, ou ninguem, por attentados ao chamado brio e honra militar, jamais teria sido castigado.

Mas se esses *gros bonets* são, em geral, uns luzaros como tu?

Deixa o Cardeira que, apesar de tudo, te tem medo, miseravel, e vae desafiar o articulista da *Dépêche*. Essa *charge* não fomos nós, miseravel, que a escrevemos.

O nojo que nos mettem estes bandidos? Os leitores não imaginam. Todos os dias recebemos cartas, anonymas, com nomes falsos, d'este e d'aquelle, a dizer-nos: *Has de nos pagar, havemos de te procurar, havemos de te quebrar a cara, havemos de te matar*, etc. E ninguem nos apparece! Ninguem! Cheirou-lhes a *duello de morte* e bastou para que ninguem nos apparecesse. Pareceu-lhe que isto, comnosco, agora, *era caso sério*.

E ninguem nos appareceu! E ninguem nos apparece! E ninguem nos apparecerá, pela frente! Todos ameaçam, mas não apparece ninguem.

Duello de morte . . . *no hay*. Só para . . . inglez vêr!

Os miseraveis!

Como elles nos mettem nojo!

Um Santo Varão

Mandam-nos um *Jornal d'Agueda*. Se as almas caridosas não nos mandam d'estes jornalecos nós nunca os lemos. E n'esse jornaleco publica o sr. Jayme Ribeiro uma carta que dirigiu ao *Povo de Aveiro* e que nós não quizemos publicar.

Até ahi está muito bem.

Informa, porém, o sr. Jayme Ribeiro que tendo-lhe nós respondido que uma das razões porque lhe não publicavamos a carta era porque não admittimos conselhos a ninguem em nossa casa, acabámos por o *aconselhar* a elle.

Ora, sr. Jayme, só se fossemos tolo! Então nós somos tão menino ou tão estupido que perdessemos o tempo a dar-lhe conselhos? Ao senhor? Valha-o Deus!

Publique a carta. Faça favor de publicar a carta. Não porque o facto de lhe darmos ou não darmos conselhos tenha a minima importancia. Mas porque . . . *pelo dedo se conhece o gigante*.

Publique lá isso, que nos queremos divertir. Publique e depois falaremos.

Entretanto, diz o sr. Jayme, que teve uma *desillusão*. Parece que s. ex.ª tambem era nosso *admirador*. E já não é. Deu-lhe o *quebranto*. Já não é!

Olha que coisa! Mas então porquê, ó sr. Jayme? Por termos dicto mal do seu menino? Então, sr. Jayme, só somos boa pessoa quando *dizemos mal dos outros?*

Sim, senhor, sr. Jayme. D'esses admiradores já nós conhecemos e estamos farto ha muito tempo. De resto, quem nos ensinou a dizer mal do seu menino foi o senhor mesmo. Então aquella cartinha, no mesmo *Jornal d'Agueda*, de 15 de fevereiro de 1908?

Ahi nos disse o sr. Jayme:

1.º Que seu excellentissimo filho *não tinha coração reconhecido para as ternuras e affectos de familia*.

2.º Que infelizes as familias que têem no seu seio rapazes como seu excellentissimo menino, de quem fatalmente se hão-de separar, porque *falta-lhes a base fundamental de todas as sociedades humanas—o mutuo amôr, a confiança reciproca*.

De facto, o sr. Jayme separou-se pouco depois de seu excellentissimo menino, com quem vivia, ou separou-se do sr. Jayme o seu excellentissimo menino. Como queira. A ordem dos factores é arbitraria.

3.º V. ex.ª sr. Jayme, fazia tal idéa de seu excellentissimo menino que reservava para a *Independencia d'Agueda* a gloria de promover a creação d'um premio para o *heroe* que exterminasse a familia real portugueza.

Hein?!

Emfim, a carta do sr. Jayme tinha um P. S. que vale um mundo.

Ahi vae elle:

P. S. — E' possivel que collaboradores da *Independencia* se melindrem com a minha humilde carta; não teem razão, se vivem fóra das muralhas de lôdo que circundam este *bem pequeno paiz*. Carreguei a minha escopêta apenas com polvora portugueza, e fiz pontaria aos que dentro das muralhas, bafejam, alentam, dão vida ao jornal, e estes mesmos só podem receber o fumo da polvora, que nem mata, nem fere, e, ás vezes, nem mesmo espanta.

Quer ouvir, sr, Jayme? O que lhe vale é estarmos hoje disposto a responder-lhe um tom facêto.

Traficante

Vae n'outro logar o nosso protesto contra o facto do sub-chefe do partido franquista em Aveiro ter convidado Cunha e Costa para falar no sarau que domingo ultimo se realisou em honra de José Estevão, sujeitando assim a cidade, o seu partido, o proprio filho do tribuno a um desaire doloroso.

Não analysámos n'esse artigo, que não era feito para isso, o discurso do bandido. Não o vamos tambem agora analysar, porque o não ouvimos. Muito atiladamente nos abstivemos das festas, que sabiamos muito bem resultarem vergonhosas ou mesquinhas. Conhecemos demasiadamente a cambada que dirige os destinos do paiz. Sabemos perfeitamente que d'essa cambada nunca sahe obra limpa. Collaborarmos com elles em qualquer coisa, em Aveiro ou fóra d'Aveiro? Nunca!

Elegeram-nos ahi para membro de qualquer commissão dos festejos. Convidaram-nos para varias reuniões d'essa commissão. Nem sequer respondemos! Estamos curado. Olha nós ao lado do Maduro! Havia de ser bonito.

Ficam sabendo por esta forma, e d'uma vez para sempre, que é inutil eleger-nos, nomear-nos ou convidar-nos seja para o que fôr. Não se incommodem. E não gastem papel, nem tempo com convites. Salvo quando a lei nos obrigar. Isso é outra coisa.

Não vamos, pois, analysar a parlenda do patife. Apenas nos queremos referir a um ponto capital, que passou despercebido, certamente, á grande maioria dos ouvintes, em geral pouco dados a observar e a pensar.

O thema do discurso foi . . . *a sensualidade e a incoherencia do tribuno*.

Os leitores intelligentes já perceberam. Já viram, sem duvida, onde queria chegar o refinadissimo patife. Accusam-me de gostar de mulheres? Tambem accusaram d'isso José Estevão. Accusam-me de ser incoherente? Tambem accusaram d'isso José Estevão. E, assim, aproveitando-se da formidavel estupidez dos Termónocús e dos Maduros, da inconsciencia que caracterisa a maioria das assembléas no paiz, e até fóra do paiz, com a vida de José Estevão pretendeu justificar a sua propria vida.

O grandissimo patife!

E eis para que os de Aveiro andaram a fazer festas a José Estevão. E eis para que servem as festas, quando não sejam dirigidas porque tenha senso ou juizo.

O pobre José Estevão ha de ter tremido cem vezes n'aquella sepultura. Cem vezes deve ter tido vontade de se erguer para correr a pontapés esta corja estupida e má, que, a pretexto de glorificar a sua memoria e exaltar seu nome, o tem tornado instrumento de todos os seus pedantismos, de todas as suas vaidades, de todas as suas ambições, de toda a sua especulação, de toda a sua vileza.

E' caso para todos os homens de valor escreverem em testamento, e ordenarem que seja annunciado a todo o mundo: "Prohibo que me façam festas depois de morto.„

E não faziam asneira nenhuma se accrescentassem, em codicillo: " Coices podem dar; dêem. „

José Estevão pouco se terá incommodado com os coices que lhe deram em vida. Mas com as homenagens que lhe teem prestado depois de morto, repetimos: cem vezes deve ter estremecido d'indignação na sepultura.

Eu não conheço maior castigo para um homem de valor. Se está vivo, e começam a dizer asneiras á sua custa, tem sempre o recurso decisivo de gritar: *cale a bocca, seu burro!* Mas estar alli morto, sem se poder mexer, a ouvir em silencio quantas baboseiras vierem á cabeça d'um pateta, d'um cento de patetas, d'uma recua de cavalgaduras, a supportar todas as especulações de que se lembre um fiel patife, um cento, um milhão de patifes, a ser interpretado pela forma que dér na gana a todos os desequilibrados, a todos os especuladores, a todos os velhacos, deve ser, francamente, uma coisa horrivel. Nunca a inquisição poude inventar egual martyrio.

Eu, não sei. Mas, se fosse commigo, parece-me que era tanta a indignação, que havia d'atirar terra ás nuvens, ou fragmentos de lousa ao sol ou á lua, estoirando como uma bomba de dynamite no fundo da sepultura.

O Cunha e Costa a justificar com a vida de José Estevão a propria vida!

Olha para que um desgraçado fez cem annos que nasceu! Olha para que se faz a apotheose d'um pobre homem que teve a má sorte de nascer com caracter e talento! Em vida foi . . . o *orador da Porcalhota o perorador de Vagos, o novo Borcas, o vil denunciante, caracter ignobil, auctor de subornos, de mentiras, de coacções e escandalos*. Depois de morto foi . . . *sensual e incoherente*, para justificar a *sensualidade e a incoherencia* do Cunha e Costa. Depois de morto é bandeira . . . do Termonócú e do Maduro!

Ah! José Estevão! Ah! Infeliz! E não podes quebrar essa lousa, que te encerra! E não podes romper com esse frio, que te prende, inerte, gelado, mudo . . .

Ah! Mudo! Mudo, José Estevão! Ah, que martyrio! Que grande martyrio! Que horroroso martyrio! Mudo! Mudo! Mudo! José Estevão . . . mudo!

Accorda, José Estevão! Accorda! Despedaça essa lousa, fulmina essa pedra, sacode esse torpor! Maldicta a pedra! Maldicto o frio!

A insultarem-te! A cuspirem-te! Meu pobre morto! Meu infeliz!

Seu pulha, seu pilho, seu trocatintas, seu valdevinos, seu bandalho!

José Estevão nunca abandonou sua mulher. Nunca abandonou mulher nenhuma á fome, ao frio, á miseria, á dôr. José Estevão nunca fugiu do seu lar. José Estevão nunca arremessou aos destinos da sorte os seus filhos innocentes, os seus filhos creancinhas. José Estevão nunca foi um bandeirinha, um *condottieri*, um pescador d'aguas turvas, um quadrilheiro politico.

O que era a incoherencia de José Estevão? A que chamas tu, miseravel, incoherencia de José Estevão? José Estevão abandonou sempre aquelles que, dizendo-se ou não seus correligionarios, faltavam ao compromisso solemne de civilisação, de progresso, de democracia, que com elle haviam contrahido. Para José Estevão não havia partidos, porque acima de todos os partidos estava o seu ideal e o seu fim de humanidade, patria, liberdade. A incoherencia de José Estevão era o nobre anceio da verdade e da justiça. José Estevão nunca atraiçoou os seus meios nem os seus fins. Nunca sacrificou uma parcella, por mais infima, dos seus ideaes, ao interesse vil.

Seu malandro, seu canalha, seu bandido! Que só vieste á terra do grande tribuno para erguer a perna e mijar-lhe, como um cão vadio, na sepultura.

Canalha! Trocatintas! Bandido!

A grande quadrilha

Recebemos a carta que se segue.

Se o homemsinho vae ou não chamar o *Povo de Aveiro* aos tribunaes, ignoramos e pouco importa. Se chamar, lá nos encontraremos. Nada mais.

Entretanto, ficaremos esperando que elle pede, para então o *desancar*. E' preciso arrancar-lhe a pelle. Desfazel-o a vergalhadas. Mas, para isso, é preciso que elle fale.

Emquanto elle não falar, falem os outros, que nós estamos calado.

E segue a carta que recebemos do sr. Oscar d'Aguiar.

Sr. Director do *Povo d'Aveiro*.

Constando por aqui que Eugenio Ribeiro, director da *Independencia d'Agueda*, se prepara para processar o *Povo d'Aveiro*, por causa de uma passagem do artigo—*Idiotas e Malandros*—referente á *falsificação* de uma lettra, publicado no penultimo numero do seu tão apreciado jornal, cumpre-me, como amigo da verdade e grande admirador do *Povo d'Aveiro*, esclarecel-o do que sei.

Mas, antes disso, devo dizer a V. que o auctor da palavra — *falsificação* — fui, talvez, eu.

Eugenio Ribeiro, que se dizia meu amigo, recebendo sempre de mim constantes provas de consideração e amisade pessoal, não teve uma palavra de explicação, que as nossas relações exigiam, a respeito do falso boato de me pertencerem uns artigos publicados nos *Echos do Vouga*.

Eugenio Ribeiro, correspondente do *Mundo*, principiou immediatamente a beliscar-me n'aquelle jornal, com ameaças de insulto.

Verberei o procedimento de Eugenio Ribeiro. Verberei-o, mas com justiça, attentas as nossas relações. Eugenio Ribeiro sabe-o bem. Agueda tambem. Respondi, publicamente, á ameaça. Que o não temia, porque «nunca *falsificára* lettra alguma para converter a *Independencia* em jornal republicano».

A nova correu com a assombrosa velocidade do raio, em meio de espanto geral, até que chegou ao conhecimento de V. Não fui o culpado.

Deixemos, porem, questões pessoaes e vamos á verdade dos factos.

Vivi durante algum tempo no meio dos redactores da *Independencia d'Agueda*, na epocha em que fui franquista e assisti aos episodios occorridos na occasião da sua passagem para a republica.

Quando foi fundada a *Independencia*, os srs. conde da Borralha, ao tempo Francisco Caldeira, Manoel Bento Saldanha, Antonio de Souza Sucena e Eugenio Ribeiro assignaram uma lettra de divida, creio que no valor de 500:000 réis, para custear as primeiras despezas.

Mais tarde, como a *Independencia* publicasse uma noticia affrontosa para o ex.mo conde de Sucena, primo de Antonio de Souza Sucena, este cavalheiro, mais ou menos entendido com os restantes fundadores, declarou, *para inglez vêr* —por causa do primo conde de Sucena, —desligar-se da *Independencia*. Não se desligou, porém. A prova é que foi convidado para todas as reuniões futuras e, já depois de a *Independencia* se ter declarado republicana, tendo escripto varias cartas a pedir que sejam feitas contas, *até hoje*, garanto-o a v., ainda lhe não attenderam o pedido, estando prejudicado em alguns mil réis.

Isto é para mostrar a v., como Eugenio Ribeiro procedeu mais tarde para com Antonio de Souza Sucena.

Rasgado o compromisso com João Franco, Eugenio Ribeiro de combinação com Manuel Bento Saldanha, um bom rapaz mas um verdadeiro *cata-vento* politico, que ao tempo se dizia aconselhado pelo seu chefe Teixeira de Souza a caminhar para a frente, pensou em *republicanisar* o jornal.

E' bom lembrar a v. que Manuel Bento ao formar-se a concentração-liberal, abandonou os franquistas e passou para Teixeira de Souza.

Duas vezes, eu e o dr. Sucena o procuramos na quinta das Bregádas, onde vive, encontrando-nos em uma d'ellas com Eugenio Ribeiro, com o fim de evitar que apoiasse a teimosia do actual director da *Independencia*. Debalde. Manuel Bento, que via a republica *a estoirar*, acompanhava enthusiasmado Eugenio Ribeiro.

Houve ainda varias reuniões para tratar do assumpto, lembrando-me bem de uma effectuada em casa de Antonio de Souza Sucena, a que assistiram Eugenio Ribeiro, creio que Elyzio Sucena, Fernando Baptista, Euzebio Soares, Antonio de Souza Sucena, creio que Augusto Martins, e este seu creado. Foi asperamento batido Eugenio Ribeiro, destacando-se no ataque a este cavalheiro Souza Sucena, Euzebio Soares e Fernando Baptista, chegando por vezes a vexal-o.

N'esta reunião, respondendo a Souza Sucena que dizia ter tambem voto sobre a nova orientação da gazeta por possuir ainda fundos no jornal, não obstante a sua declaração, disse Eugenio Ribeiro que o considerava (Souza Sucena) desligado do periodico, desde que houvera feito a declaração.

A declaração fôra, no emtanto, o que já disse a v.: um meio de, perante conde de Sucena, mostrar-se desligado dos da *Independencia*.

Affastado assim Antonio de Souza Sucena e convencido Manuel Bento, restava vencer Francisco Caldeira, actual conde da Borralha. Appareceu então Eugenio Ribeiro, juntamente com Manuel Bento, a garantir a divida com uma nova lettra, sendo batido o conde da Borralha que, como corre em Agueda, quiz tentar uma acção commercial contra Eugenio Ribeiro.

O conde da Borralha, n'essa occasião, melindrado, disse *nada mais querer com esse sujeito!* Isto mesmo, bem como a tentativa da acção commercial, foi ha poucos dias affirmado publicamente por Julio da Conceição, na pharmacia Alla, d'esta villa, perante testemunhas de bom nome e que, se fôr preciso, o confirmarão.

O conde da Borralha pouco ou nada foi ouvido sobre a orientação que Eugenio Ribeiro queria dar ao jornal, exaltando-se verdadeiramente quando teve conhecimento de que a divida estava garantida por nova lettra, sendo calcado o seu nome.

Como V. vê, o procedimento de Eugenio Ribeiro nada teve de liso. Affastar Souza Sucena de uma maneira forçada (pois que todos nós, os da *Independencia*, incluindo até os restantes fundadores, o consideravamos com esse direito, sendo elle quem — de seu bolso — abonava muitas vezes dinheiro e tratava da administração do jornal); assignar uma lettra sem dar satisfacções ao conde da Borralha, com o intuito de se apoderar da gazeta, não é certamente o procedimento correcto e limpo dos homens de bem.

O *Povo de Aveiro*, no seu artigo *Idiotas e malandros*, classificava isto de *falsificação*. A meu vêr, não é o termo proprio. Ha mais gravidade no caso. Chego mesmo a convencer-me de que ha o seu não sei quê de *burla*... V., no seu alto talento, e em face d'estas ligeiras e apressadas notas de esclarecimento, julgará o facto convenientemente. Porque, como V. sabe, nenhum conhecimento tenho de Direito.

Pretendia, talvez, o director da *Independencia*, amesquinhar o *Povo de Aveiro*. Estas minhas notas, que são a expressão pura da verdade, vão levar a V. toda a luz de que V. necessita para, mais uma vez, com esse desassombro que Deus lhe deu e eu tanto admiro, poder dar *porrada e agua á jarra* a quem com tanta *poltranice* a pede.

Se houver processo, sr. Homem Christo, *eu preciso e quero depôr n'esse processo!* E fique V. certo de que saberei fazer justiça: a si, e a quem me anda a ladrar ás canellas, sem motivo algum.

Uma vez que me empurraram para a questão, com o maior desejo eu quero entrar n'ella.

Isto são alguns esclarecimentos, que adeanto já, para por elles V. se guiar, e que constituirão alguma base no meu futuro depoimento.

Aproveito a occasião de pedir a V. o favor de me dizer, se, até hoje, Eugenio Ribeiro se dirigiu a V., a pedir explicações.

Faço este pedido, porque, mostrando Eugenio Ribeiro desejos de *immediatamente* liquidar as accusações que sobre elle pesam, se dirigiu arrogantemente a pessoas a respeito das quaes *devia ter a certeza* que, nem de longe nem de perto, nada tinham com o caso, abandonando, talvez, o unico caminho recto e airoso, por que devia enveredar.

Muito lhe agradecia, para meu governo, esta informação.

Pode V. fazer o uso que quizer d'esta carta.

De V., etc.

Agueda, 27-12-909. *Oscar d'Aguiar.*

P. S. — Sr. Redactor: — Amavelmente acabo de ser informado por V. que Eugenio Ribeiro se lhe não dirigiu, depois do caminho que lhe indiquei em resposta a uma carta a pedir-me satisfacções pelo que se publica no seu grande *Povo de Aveiro*, e até mesmo depois de V. affirmar de uma maneira desassombrada e nobre que o unico responsavel é V.!

Queria explicações de quem lh'as não tinha a dar; sabe, agora, quem é o responsavel e recorre ao Tribunal! Estou em crêr que o *immediatamente* da carta de Eugenio Ribeiro fica reduzido a um banal processo que, por certo, trará bastantes amargos de bocca ao mesmo sr. Eugenio.

Que ridicula farça!

Agueda, 29-12-909. *O. A.*

Regicidio

Por maior que seja o conhecimento que V. possa ter a respeito das quadrilhas e de todas as cousas nacionaes, não pode fazer um juizo seguro da revolução que o *Povo de Aveiro* está fazendo no paiz. V. escavaca tudo, *tudo*, com a eloquencia da Verdade.

No caso do regicidio que V. vem decruando com admiravel energia, já as gazetas de informação privilegiada dão a entender que a cousa está para breve, mas o paiz conhece bem o valor da promessa. Ninguem se illuda: a responbilidade do attentado do Terreiro do Paço, vae recair sobre quaesquer individuos ja fallecidos ou homiziados e os verdadeiros auctores continuarão impunes.

O monstruoso crime de 1 de fevereiro, é obra da maçonaria e da Associação do Registo Civil com auxilio ou cumplicidade de todos os politicos graduados, exceptuando os franquistas e nacionalistas; por tanto só um governo d'estes elementos ou uma dictadura militar, pode punir os criminosos.

Muito tem dito já o *Povo d'Aveiro* sobre a infamia de se terem inutilizado todas as provas que teriam conduzido ao apuramento de responsabilidades mas muito ha ainda por dizer.

Logo depois da dissolução das cortes, quando as diversas quadrilhas politicas se certificaram que iam ficar a meia ração e quando o "Diario Popular„ publicou o celebre artigo que rematava por garantir que "isto vae terminar por um crime„ os republicanos da provincia apareciam radiantes e trocistas, desafiando os franquistas a apostar em como o Rei não ia ao Brazil. Quem ha ahi, que não assistisse a essas provocações de apostas, em que os republicanos faziam desafio descarado, os dissidentes piscavam o olho, os regeneradores e progressistas sorriam e os franquistas encolhiam os hombros desdenhosamente? Quem ha ahi que não visse ou tivesse conhecimento de cartas expedidas de Lisboa para a provincia a garantir o assassinato de João Franco, na semana do regicidio?

Estes quadrilheiros interessados na impunidade do regicidio, afrontam os portuguezes julgando-os tão estupidos, que acreditem na impossibilidade de descobrir uns criminosos que se descobriram por suas proprias mãos.

E' muito difficil se não impossivel, fazer punir os assassinos do Rei e do Principe, mas deve custar pouco a pôr em debandada todos os quadrilheiros implicados n'essa tragedia. Ponha-se a preço a delação.

Se o *Povo de Aveiro* abrir subscripção para recompensar o delator (1), não haja duvida que encontrará subscriptores e não a haja igualmente de que não faltará quem venha denunciar todo o complot, porque é grande o numero dos que o conhecem.

* * *

Diz V. no seu formidavel artigo "Regicidio„ do numero passado, que se não lembra se o "Diario Popular„ tambem chasqueou o sr. Conde d'Arnoso, por pedir contas ao parlamento do assassinato do rei amigo.

Chasqueou, sim sr. e gravemente, significativamente.

Alem do artigo em que *advinhou* que—"isto vae terminar por um crime„ publicou mais outro, pelo menos, que diz muito e se traduziu em prophecia, por que o forte do sr. Julio de Vilhena e do Popular, foi sempre na prophecia.

"Foi Mortagua„

Sob esta rubrica e em forma de folhetim, publicou o tal "Diario Popular„ poucos dias depois do Crime um artigo em que fazia a historia do assassinato d'um juiz de máus figados que administrava justiça em Mortagua e que o povo indignado assassinou por lhe ser impossivel suportal-o. E quando se procedia á devassa para castigar os assassinos, ninguem sabia mais do que esta resposta: quem matou o juiz foi Mortagua, insinuando infamemente que ninguem agora dizia quem matou o rei, por que fora assassinado pelo povo que o não podia suportar, como acontecera com feroz juiz de Mortagua.

Não tenha V. duvida. Foi no "Diario Popular„.

Desculpe V. o ter-lhe tomado tempo na leitura d'este original, que certamente tomará o destino do cabaz, por não haver *lima* possivel.

Assiduo leitor e admirador

(1) Isto vae só a titulo de curiosidade e não porque estejamos d'accordo com estas idéas.

N. da R.

Chamam a nossa attenção para uma correspondencia de Pedrogam Grande, publicada no "Cornetim da Margarida„ em que o malandro do tal Antonio Jacintho David se desforça do nosso correspondente Manuel Rodrigues a injuriar o " Povo de Aveiro „.

Boa maneira de provar que não " vendeste o cavallo duas vezes „, meu malandro!

Boa maneira de provares que não fizeste endoidecer o Antonio Ferreira Vidigal, meu malandro!

Boa maneira de provares que não puzeste na rua, pelo simples facto de não querer votar uma lista republicana, um pobre trolha, o José Russo, meu malandro!

Boa maneira de provares que não quizeste matar á fome a tua propria mãe, meu malandro! Ou tu não fosses digno consocio do Affonso Costa, e seu admirador, e seu servo obediente, do Affonso Costa, que espancava a d'elle, meu malandro!

Boa maneira de provares que não levantaste taes aleives a teu proprio irmão, que este não sahiu para a rua armado d'um cacete para te amachucar os ossos, meu malandro!

Ah, malandro, que és bem digno da grande quadrilha republicana!

Por conveniencia de paginação vae a carta de Lisboa na 4.ª pagina.

IDIOTAS E MALANDROS

Ha muito tempo que nos pediam de Arganil uma trepa n'um celebre administrador do concelho que os desgraçados lá tinham, e que era um dos membros mais famosos da *grande quadrilha*.

Não a démos nunca. E não a démos nunca por dois motivos. Primeiro, porque não conheciamos bem as proezas do cidadão. Segundo, porque nos custava a acreditar que a insania chegasse a ponto, a insania ou a traição, de se nomear administrador do concelho um homem que fosse, realmente, membro da grande quadrilha.

Membro da quadrilha! Um administrador do concelho! E da facção *Mundo-Affonso Costa!* Isto é um paiz phantastico, já sabemos. Mas, francamente, custava-nos a admittir essa phantasia.

Pois era verdade. Oiça o paiz, vá ouvindo, que isto é engraçadissimo. Tudo isto é engraçadissimo. Membro da quadrilha, e da facção Affonso Costa, agente do *Mundo*, propagandista do *Mundo*, um administrador do concelho, o administrador do concelho d'Arganil!

Não haja duvida: Offenbach morreu antes de tempo!

Membro da quadrilha, o sr. administrador do concelho d'Arganil, e que prenda! E' verdade que por este lado está dentro... do programma.

No partido republicano só ha um programma bem conhecido, seguido e obedecido: é o programma da patifaria. Mas esse, devemos dize-lo, em homenagem á verdade, é cumprido á risca.

Ora vejamos as informações que nos veem d'Agueda sobre o illustre representante da auctoridade em Arganil:

Alberto de Moura Pinto, *o Pinguinhas*.

Este pandilha, tambem conhecido em Agueda pelo *Serrano*, é outro redactor encapotado do indecente papel de Agueda, do *borrado* papel.

Veio da *Quinta da Formiga*, digo, da *Quinta dos Valles*, um coito sagrado, lá para os lados de Arganil. Natural daquella terra, ou coisa que o valha, é filho de padre e de mulher casada!

De padre e de mulher casada!!!

Ora aqui tem, sr. redactor, ora aqui tem como um individuo, sem ser descendente de reis nem de principes, muito pelo contrario, pode basofiar ahi pelas praças e pelas *pharmacias*, sem que ninguem o possa

censurar, que os seus ascendentes se enfeitam com uma *corôa* . . . a reluzir na *tóla!*

De padre e de mulher casada!!!

Não ha duvida: podia ser peor!

Formou-se com o nome de *alberto marques* e, sob esta firma, commetteu em Coimbra as maiores proezas, as mais famosas proezas, que lhe *borraram* o passado, o presente e hão-de *borrar* o futuro.

Contam os contemporaneos desse malandro que a sua vida em Coimbra foi um sudario. Um verdadeiro sudario! As gavêtas dos companheiros de casa . . . V. entende-me. Sim, V. entende-me . . . Ganharam fama as suas proezas. Uma manhã, o sogro acordou dando pela falta de seis patos. Inquiriu dos visinhos o paradeiro dos patos e . . . nada. Houve investigação da auctoridade administrativa e . . . *idem, idem,* na mesma data. Ao ter conhecimento da historia um considerado advogado de Agueda, immediatamente affirmou com uma destas firmezas que não podem deixar duvidas a ninguem: — " — Quem . . . os patos . . . (V. entende-me outra vez . . .) foi o Alberto, o genro „. Foi o Alberto. Foi o Alberto quem os *adeantou*. Não ha duvida, foi o Alberto! O Alberto Marques!

No 5.º anno, enlameado talvez pelo seu vergonhoso passado, abandonou o *marques*, propriedade materna, e tomou *moura pinto,* sacrilegamente arrebatado ao pae, que mais abertamente principiou a protege-lo. Como vê, renunciou o nome da mãe, para se acobertar com o do *padre pae* . . . Entrou em Agueda, guiado pela mão arrieira do *borra*. Toda a gente disse logo: — *Hum,* coisa de *borra,* ha-de dar *borraria* fatalmente. E deu, como V. vae vêr.

A primeira pessoa que conheceu foi Eugenio Ribeiro, o miseravelsito da *Independencia*, a quem o *bórra* o apresentára. Dizia-se *chefe do partido progressista* de Arganil (chefe do partido o parvo! o basofia! o pelintra!) e amigo de *tu* de Cabral Mettello e dr. Vasconcellos, e *grande influente politico*. Mas olhe que dizia isto, o palerma!

Dizia que era um *grande influente politico!* Já é preciso ser muito ingenuo para querer impingir uma destas! Em Coimbra, em Coimbra é que o gajo era um *grande influente* . . . Um *grande influente* daquillo que nós sabemos! . . .

Apresentado a Eugenio Ribeiro, que lhe rendia todas as impostôras amabilidades da sua pequenina e odienta alma, sahiu-se pouco depois contra o grupo da *Independencia*, de que fazia parte o tal Eugenio, para ganhar a protecção dos Mellos, de quem esperava *ôsso,* com este mimo em Assequins, n'uma reunião: "Dizem-me que tremúla ahi outra bandeira. Essa é rota e suja. Encobre todas as baixezas, todas as infamias „.

Lembras-te, ó *serrano?* Lembras-te do que disseste? Era isto ou não era?

Pois, sr. redactor, cá o temos agora, de mãos dadas, com os *rotos,* com os *sujos,* com os *baixos,* com os *podres* e os *infames!!!*

Retrocedamos alguns mezes. A seguir á reunião de Assequins andaria por ahi á maçã do chão, se os progressistas o não protegessem na advocacia. Protegeram-o e protegeram-o muito. Chegou a ser estimado e casou. Foi n'esta altura que elle appareceu de *barbas,* naturalmente com o fim de se tornar desconhecido perante o publico, que o apreciára, *alberto marques,* em Coimbra. Porque então já era Moura Pinto.

Não obstante dizer-se progressista (o tal chefe de Arganil e das *batatas* . . .), por amisade com o *borras,* o *Manecas* — como docemente lhe chama o *finório* do Pinguinhas — ia escrevendo occultamente a costumada baboseira republicana no sujo papel d'Agueda.

O grande *influente e chefe progressista* de Arganil a zurrar no jornal coberto por *bandeira suja e rôta, capóte de baixesas, de podridões, de infamias!* São palavras tuas, ó palhaço! São verdades, que tu disseste, ó palhaço! Grandes e amargas, mas verdades, ó palhaço! A *Independencia* veio á carga. Mas . . . como tanta vergonha teem uns como outros, lá estão.

Mais uma vez voltaste aos tempos de Coimbra, mostrando-te *marques,* e esquecendo-te do *moura pinto.* A bocca estava a fugir-te sempre para a verdade! Para a unica verdade que deixaste a vadiar por Agueda!

Ainda assim, o pandilha conseguiu por intermedio dos seus amigos de *tu,* mas gente de Agueda é que não porque conheciam já no *moura pinto* a acreditada firma—*alberto marques,* lá conseguiu ser nomeado administrador de Arganil, quando subiu ao poder o governo de Ferreira do Amaral. Como elle se tem portado no concelho que administra, queira V. vêr o n.º 760 da "Vitalidade„ de 6 de novembro ultimo, 4.ª columna da 1.ª pagina.

Já administrador, cargo que actualmente exerce em commissão, foi despachado delegado do Procurador Regio para a comarca de Miranda do Douro, por grande empenho do general Sebastião Telles, então ministro da guerra. Dias antes do despacho dizia mal publicamente de Sebastião Telles por haver castigado Thomaz Cabreira.

Sempre o mesmo troca-tintas! Em Arganil, *chefe do partido progressista e seu grande influente;* em Agueda, progressista e seu *fiel soldado* com exercicio constante de infamias no sujo papel; em Agueda, finalmente, republicano desavergonhado, fazendo camaradagem com a quadrilha do odio, do rancor, da raiva e da calumnia! Em indo para Arganil será, claro, novamente progressista! Outra vez palhaço! Sempre palhaço.

Guerra aos Méllos — tal é e será sempre a divisa eterna da corja, da sujidade, da porcaria, que o insultou, sr. redactor, n'um latir de cães raivosos! A firma Eugenio queria a Administração do Concelho; o *borra* telegraphou para evitar a publicação do seu nome na Commissão Municipal, sómente com a mira na Conservatoria de Vizeu; o *Nunes* apanhou *osso,* varios *ossos,* que lhes hão-de ficar atravessados na garganta; este Pinguinhas, finalmente, é delegado e administrador, come da monarchia, e em côro com a canalha, apregôa, como os outros, Affonso Costa e C.ª.

Aonde está aqui a sinceridade, sr. redactor? Veja que corja de desavergonhados, que cafila de desavergonhados que querem a republica! Porcos!

Aqui ha dias, appareceu-nos de frente, a gosar as férias, mas sem *barbas.* — Olá! Temos o sacrilego *moura pinto?* — pensámos. Mas, não. Enganámo-nos. Eterno engano. Outra vez *alberto marques,* e sempre *alberto marques!* Constou que vinha fugido, dos lados de Arganil, fortemente socado por mão justiceira. Alguns patos, por lá? (V. entende-me. Estou certo de que me entende, outra vez . . .)

Que nojo! que escarro! que podridão! que *marques!* que *moura!* que *pinto!*

Filho de padre e de mulher casada! De padre e de mulher casada!!!

Que nojo! que escarro! que podridão!

DE LISBOA

26 de dezembro.

Se ainda restassem duvidas para alguem, com respeito ao lealismo monarchico, á coherencia e ao espirito progressivo da gente do *blóco,* a estas horas ellas terão desapparecido completamente. Como antes do regicidio e até hoje, as palavras dos que não teem por si senão a arruaça e a audacia á sombra da tolerancia criminosa dos poderes publicos, continuam a ser desprezados pelo paiz, que na gargalhada com que responde á leitura da imprensa dos despeitados ambiciosos estigma processos de opposição que só pela troça podem ser criticados.

Então que querem estes senhores? Querem governo pessoal, que dissolve o parlamento e concede dictaduras, ou querem governo de vida nova que governe com o parlamento?

O bloco indo ao poder, sem ter maioria na camara dos deputados nem poder contar com a benevolencia d'ella, porque é natural que ao *pau de bater bifes* respondesse o *rufo* nas carteiras, só poderia governar dissolvendo a camara dos deputados, e não fazendo dictadura ahi continuava a vida do paiz parada á espera de novas eleições e de... nova pouca vergonha. Dizem que o *blóco* é uma força monarchica que o rei não pode desprezar; mas d'onde dimana o direito de irem ao poder? O rei ou o paiz tem alguma coisa com que cem ou mais individuos se agrupem, se chamem *blóco* e queiram ser governo, quando nem o paiz nem o parlamento os lembra, antes pelo contrario os deve repellir por suspeitos, quando está pendente o processo do regicidio, a liquidação dos adeantamentos e... é preciso pagar lettras com que foi pago armamento e quem sabe se o crime do Terreiro do Paço? Pouco tempo antes da demissão pedida por Wenceslau de Lima, dizia o «Dia»: corre em Lisboa que o *blóco* é chamado ao poder! Pois, a não ser os interessados, ninguem fallava em tal e poucos deixavam de rir ao lêr tal *grito d'alma afflictivo.*

Leiam-se os artigos das «Novidades» e do «Dia» e verão como Bello Marreto, que tinha a promessa da pasta dos Extrangeiros, e Moreira d'Almeida a da Marinha, os dois do elogio mutuo, que juraram viver e morrer juntos; como elles mostram o desnorteamento que vae na grey

O ministerio Wenceslau foi creado pelo *blóco,* tinha o apoio d'elle; adiou as camaras em junho para fazer cumprir o *Tratado traição com o Transvaal* sem a sancção parlamentar: *logo o tratado é mau* e da responsabilidade do governo e Bello Marreto discorre sobre *diplomacias.* Os partidos são maus, abusam do poder, é preciso *democracias,* vida nova, monarchia á italiana, *logo:* põe-se o Moreira d'Almeida ou alguem por elle, a discorrer: do governo faz parte o sr. J. d'Azevedo Coutinho que tem sido uma figura *decorativa do partido progressista* preterindo correligionarios cheios de serviços, etc.

Ora é bom dizer-se que actualmente na politica portugueza poucos homens ha nas condições em que está J. Azevedo Coutinho. Foi sempre progressista e bastantes vezes deputado.

Por ser rico nunca mendigou empregos; e não pode confundir os interesses do Estado com os de qualquer companhia por não fazer parte da direcção de nenhuma; e acima de tudo isto tem um caracter raro n'estes tempos que vão correndo. Não tem a temeridade dos que desconhecem o perigo, tem a consciencia d'elle e para elle marcha sem uma hesitação. Brando para com os fracos, cresce e impõe-se aos que querem apparentar ser fortes e prepotentes; e esta qualidade indispensavel, que caracterisa o estofo do bom politico-administrador, mostrou-a logo na primeira sessão da Camara dos Deputados reduzindo ao silencio os *lagalhés* que o partidarismo levou onde nunca deviam ter entrada. Não tem folha de servicos eleiçoeiros, não sabe *tranquibernias;* mas a folha de serviços prestados ao paiz é enorme. Ver a sua cara tisnada pelo sol d'Africa; a côr esverdeada pelo impaludismo provocado pelos infinitamente pequenos, dos quaes a defeza é quasi impossivel e as mãos queimadas, quasi aleijadas, por uma explosão de polvora no sertão d'Africa, junto com o conhecimento que tem das colonias e dos *maraus* que as oligarchias para lá teem mandado; e ter-se-ha a prova porque as «Novidades» e o «Dia» dizem que elle é *um bom marinheiro.*

Conhecemol-o pessoalmente desde o tempo em que elle, em Coimbra, era victoriado pela rapaziada, depois do seu primeiro triumpho em Africa; e por isso podemos dizer que a sua intelligencia; e sobre tudo o seu caracter, a sua vida exemplar na familia e com os amigos revelam a estabilidade e as qualidades indispensaveis ao politico, que hoje n'este meio, mais do que nunca, precisam revelar a existencia de um homem e J. Coutinho... é um homem.

E' por taes e outras faltas de coherencia, que se chamam tambem faltas de dignidade, que o paiz os não toma a sério e se ri das suas bravatas, esperando anciosamente que o sr. Alpoim vá para a Rêde, antes de ir tratar das bombas.

* * *

A crise politica de que saiu o actual governo forneceu ao sr. José Luciano a occasião de celebrar um dos seus maiores triumphos; que se póde reflectir no paiz por uma fórma benefica. Durante a longa vida politica do velho chefe progressista não vejo golpe mais opportuno e mais certeiro do que o ultimo dado no blóco.

Creio que o sr. José Luciano estará convencido de que o maior erro politico de toda a sua vida foi a ligação com Hintze Ribeiro tendo por cordão umbilical o sr. Alpoim; d'esta ligação resultou o enfraquecimento do espirito partidario e quem sabe se até o regicidio.

Os dois partidos, revezando-se no poder e no Crédito Predial, dispunham do paiz e até queriam dispôr do Rei D. Carlos, e tendo dispensado as luctas partidarias, dominavam, repartindo benesses entre si e como mais convinha.

O cordão umbilical quebrou-se mas os partidos emquanto Hintze foi vivo continuaram *d'accordo.*

Foi este *accordo* que garantia a existencia da oligarchia anarchica do poder, que sustentava a anarchia da rua, para melhor se impôr ao rei e dominal-o, se fosse possivel para explorar o paiz, que o sr. José Luciano em um admiravel golpe de *Jiu-Jitsiu politico* quebrou estrondosamente.

A maneira como o sr. José Luciano provocou a queda do sr. Medeiros; suggeriu até as tiradas contra o mytho do clericalismo, obrigando a opposição a dar golpes no ar para provocar o ridiculo dos processos que faziam rir o publico; a maneira como elle aguentou o governo de Wenceslau antes, durante e depois da viagem do rei; prolongando a crise para o publico se cançar e continuar a rir dos *pacovios* da opposição, que pensando alimentar a lucta e fortalecer a opinião publica a seu favor, dia a dia iam perdendo forças, para no momento opportuno abandonar Wenceslau e fazer afocinhar atraz d'elle o blóco que o impellia; é de um machievelismo, astucia e agudeza, rara na politica portugueza; e se a vingança é o prazer dos Deuses, o sr. José Luciano deve estar satisfeito, vendo o ex-respeitoso soldado pelo «prestigioso chefe» *estatelado.* A opinião publica cuidadosa e habilmente preparada, recebeu bem o actual ministerio que tem por dever e obrigação acabar com a atmosphera de suspeição em que vivemos. Commetteu-se o erro de não deixar que João Franco liquidasse a situação quando era opportuno, porque o medo a todos invadiu; faça-se agora o que elle devia ter feito. E' tarde mas ainda é tempo. Administre-se com honra; acabe-se com a lenda do republicanismo; comece-se desde já por substituir definitivamente o sr. Teixeira de Souza na Administração Geral das Alfandegas, porque mesmo no caso de elle poder estar na situação de licença illimitada, o que é duvidoso, tem do deixar vaga, ou o logar é inutil; liquidem-se os adeantamentos com clareza e faça-se luz no processo do regicidio; e o publico affirmará a confiança que manifesta no governo ajudando-o a salvar o paiz. Nada de accordos com a opposição. Cada um que lucte com as forças que tiver; e se as não tiver que desappareça, porque nada vale, ou que vá . . . para os republicanos. O paiz o que quer é virtude, é uma politica clara e sem embustes. Poderá ver na pasta do reino um homem dos de antes *torcer do que quebrar,* que saiu de um ministerio para onde entrou um dos de *antes quebrar do que torcer;* mas acima d'elle está ainda o Presidente do Conselho de Ministros, que até hoje não soffreu uma beliscadura na sua dignidade e que não é homem que vença pelas companhias.

Ignotus.

Provincias

Moncarapacho

Sr. Director de *O Povo de Aveiro*

O que é promettido é devido. Prometti definir um pulha, um asno, um tolo de coleira matizada com as côres da sua predilecção—encarnada e verde, d'esta aldeia, e já comecei continuando hoje até ao fim.

Foi o seu intemerato — *Povo de Aveiro* — que assim o quiz. Agradeço-lhe summamente reconhecido a fineza de me conceder um cantinho do seu admiravel semanario, para eu pôr em relêvo as figuras destacantes d'esta parcella da "grande quadrilha Nacional„. Mas irei por escala. Mais uma vez muito obrigado.

Antes, porem, de continuar a varar o pulha — alcunhado o C... do "Povo Algarvio„ tenho de manifestar a V. o pesar que senti, quando vi a minha correspondencia com algumas faltas, provenientes, naturalmente, da apressada revisão, ou quem sabe tambem se fui eu o culpado, porque á pressa a redigi; o correio estava a sahir.

Se V. achar conveniente a rectificação, faça-a, senão eu não me importo.

Desculpe-me esta observação e delonga, porque devo cingir-me ao promettido.

Vamos a isso até ao cabo.

Já defini physicamente o pelludo bilontra, que se diz correspondente do "Pulha de Loulé„, que dá pelo nome de "Povo Algarvio„ ou — "Povo do Alarve„ —; resta-me agora defini-lo moralmente.

Sobre este ponto eu poderia deixa-lo a pão e laranjas, pinta-lo em todas as materias fecaes existentes nas casinhas ultimas d'esta aldeia, que ainda eram poucas para cobrir tantas miserias e tanta immundicie, que se acham contidos n'aquelle vaso de porcaria. Mas fique o fetido e pestelento cidadão descansado, que eu guardo reserva sobre a sua vida particular.

Vamos ao que é notorio e do dominio publico, porque tambem da sua vida publica se trata.

O Parasita, o pedante de Linguistica, o Magister da Lingua Patria, é um ambicioso desmedido, um desvairado intoleravel. Sentou praça; pertenceu á tropa.

Chegou ao grau de 2.º sargento e aqui a sua ambição era incommensuravel. Na gana de apanhar uma espada escreveu cartas anonymas, promettendo dinheiro aos membros do jury dos exames de 1.º sargento, requerendo tambem exame, para lhe darem a approvação a todo o custo, com mira no officialato superior em Africa. Com esta ratoeira quiz apanhar rato, mas o asno e empavonado coleirista cahiu mas foi na esparrella. A lettra de taes cartas foi reconhecida e o malandrim preso e recolhido á Torre de S. Julião da Barra, como velhaco da ultima raça, d'onde só sahiu para responder a um conselho de guerra, ser exauctorado, arrancadas publicamente e por cornetas as suas tres infelizes divisas. Sahiu de lá e veio furioso contra os homens da tropa, que ainda não deixaram fugir assim os seus brios e fizeram vingar a sua auctoridade perante attentados de tal ordem, castigando-o severamente.

Eis o motivo porque o fanfarrão se transformou em revolucionario atrevido e ignorante e escrevinhador diffamante das duzias.

Fugiu para os republicanos, para atacar as instituições que lhe applicaram com justiça e honra o castigo. Encontrou n'elles appoio, porque elles são o *refugium malandroram* e porque aqui ha mais pés que botas. Formou-se republicano *enragé* e petulante, atirando-se aos coices como elle proprio já asseverou em seus escriptos.

Veja pois, sr. director, que tal é a besta que hoje defino.

Sahiu da jaula desenfreado contra o publico honesto e pacato, atirando-se aos pinotes bestiaes contra todos.

Arre, que has d'apanhar chicotada, meu urso, grande miseravel.

Olha que eu não sou da força do correspondente do "Portugal„. Eu chego-te sem dó e sem piedade.

Adeus grande malandro.

Rogo ao sr. Director do *Povo de Aveiro* a fineza de me desculpar pela terminologia acre e indelicada com que me atiro ao correspondente pulha do "Povo Algarvio„.

De V. etc.

Repôlho de pé curto

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.
Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Kiosque Flor d'Esperança, rua D. Carlos I. F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103.
PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Kiosque da avenida superior da ponte de D. Luiz I; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256; Carlos Alberto Guimarães, Rua Formosa. 251; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.
Mattosinhos—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100
Coimbra — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto.
Alcobaça—Antonio Vazão.
Gouveia—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp
Leiria—Jayme Monteiro.
Portalegre—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.
Vendas Novas—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino.*
Setubal—Manuel Tavares.
Arronches—Miguel Maria.
Espinho—Kiosque Reis.
Molta do Ribatejo—João Baptista Mouro.
Vizeu—Kiosque do Rocio.
Chaves—Annibal de Barros.
Villa Real — Agencia de Publicações de Antonio de Neutel C. da Mesquita.
Villa Velha de Rodam — Antonio da Cruz Pinto.
Mangualde — Bento d'Almeida Campos.
S. Thiago de Cacem—Joaquim Gervasio.
S. Pedro do Sul—José Augusto d'Almeida.
Fáro—Francisco Matheus Fernandes.
Evora—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.
Cascaes—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.
Villa Nova de Baronea—José Custodio Figueiredo.
Cortegana, Alemquer—João dos Santos Pereira.
Reguengos de Monsarás — Antonio João da Cunha.
Paderne—Algarve—Antonio Anacleto d'Oliveira,
Torres Novas—João Rodrigues Sentieiro.
Amarelej a—Moura—Manuel Frade.
Castello Branco—Vende-se pelas ruas.
Montemór o Novo—Fortunato Reinato.
Tondella—Mario do Carmo.
Pedrogam Grande—Adelino Lourenço. dos Santos.
Idanha a Nova—Christiano Pereira Barata.
Guimarães—Antonio Araujo Salgado.
Braga—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24.
Taboa—Francisco da Costa Carvalho.
Monsão—João da Silva Guimarães.
Figueiró dos Vinhos—José Miguel Fernandes David
Pinhel—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres
Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122.
Lamego—Joaquim Valente.
Castello Novo (Beira Baixa) João Pereira dos Santos
Elvas—Luiz Samuel da Silva.
Povoa—José Couto Segundo,
Agueda—Eduardo dos Santos Trinta.
Covilhã—João Pereira Saraiva.
Figueira da Foz—João Palhas, Mercado n.º 8.
Santa Cruz da Graciosa—Antonio Ernesto Esteves.
Fundão—Manuel Gonçalves Anacleto.
Guarda—José Antunes Figueiredo.
Cadaval—Antonio Lopes Leal.
Sobral de Mont'Agraço—Arthur Carvalho.
Moura—José F. de Lima Junior.
Macieira de Cambra—Domingos d'Albergaria
Alcochete Joaquim Valentim
Santarem Vende-se nas ruas
Cezimbra—Antonio José Pereira.
Angeja—José Maria Martins dos Santos.
Castello de Vide—Antonio Lourenço Veliz.
Villa do Cano—Antonio Martins Florentino.
Serpa—Celestino Alhinho.
Louzã—Adelino P. Erse.

BRAZIL

Rio de Janeiro— Centro de Publicações de Gianlorenzo, Schettino, Travessa do Ouvidor.
Manaus—Agencia Freitas.
Belem do Pará—Centro de Publicaç...

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
— DE —
Albino Pinto de Miranda
LARGO DE MANUEL MARIA
AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça,* corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS . A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489** — PORTO.
SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

Typographia a vapor
— DE —
O POVO DE AVEIRO

TRABALHOS COMMERCIAES

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot, Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria
AVEIRO

Proprietario-Gerente
ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO